

**EMÍLIO**

ou Da Educação

J.-J. Rousseau

Tradução  
ROBERTO LEAL FERREIRA

**Martins Fontes**  
São Paulo 1999

assunto, não entram em meu plano. Outros poderão, se quiserem, ocupar-se delas, cada qual para o país ou Estado que tiver em vista. Para mim, basta que em toda parte onde nasceram homens se possa fazer deles o que proponho; e que, tendo feito deles o que proponho, se tenha feito o que ha de melhor, tanto para elles próprios quanto para os outros. Se não cumprir este compromisso, sem dúvida terei errado; se porém cumpri-lo, será errado também exigir mais de mim, pois é só isso que prometo.

## LIVRO I

Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem. Ele força uma terra a alimentar as produções de outra, uma árvore a carregar os frutos de outra. Mistura e confunde os climas, os elementos, as estações. Mutila seu cavalo, seu es-cravo. Perturba tudo, desfigura tudo, ama a deformidade e os monstros. Não quer nada da maneira como a natureza o fez, nem mesmo o homem; é preciso que seja domado por elle, como um cavalo adestrador; é preciso apartá-lo à sua maneira, como uma árvore de seu jardim.

Sem isso, tudo iria ainda pior, e nossa espécie não quer ser moldada pela metade. No estado em que agora as coisas estão, um homem abandonado a si mesmo desde o nasci-mento entre os outros seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que estamos submersos abafariam nele a natureza, e nada poriam em seu lugar. Seria como um arbusto que o acaso faz nascer no meio de um caminho, e que os passantes logo fazem morrer, atirando-o em todas as partes e dobrando-o em todas as direcções.

E a ti que me dirijo, terna e previdente mãe\*, que sou-

\* A primeira educação é mais importante e cabe incontestavelmente às mulheres em vossos tratados sobre a educação; pois, além de estarem em condições de tratá-la mais de perto do que os homens e de influírem sempre mais, o éxito também lhes interessa muito mais, já que a maior parte das viúvas se acha como que à mercê dos filhos e elles então lhe fazem sentir vivamente, no bem e no mal, o effecto da maneira como foram criados. Sempre muito occupadas com os bens e pouco com as pessoas, por terem como objecto a paz e não a virtude, as leis não dão bastante autoridade às mães. Todavia, sua condição é mais segura do que a dos pais e seus deveres são mais duros; seus cuidados são mais importantes para a boa ordem da familia e, geralmente, ellas têm maior apego às crianças. Occasões há em que um

beste atasar-te da estrada principal e proteger o arbusto nas  
centes do choque das opiniões humanas! Cultiva, rega a jo-  
vem planta antes que ela morra; um dia, seus frutos serão  
tuas delícias. Forma desde cedo um cercado ao redor da al-  
ma de teu filho; outra pessoa pode marcar o seu traçado,  
mas apenas tu podes colocar a cerca\*.

Moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela edu-  
cação. Se o homem nascesse grande e forte, a estatura e a  
força ser-lhe-iam inúteis até que tivesse aprendido a servir-  
se delas; ser-lhe-iam prejudiciais, pois impediriam que os ou-  
tros pensassem em socorrê-lo\*\* e, entregue a si mesmo, mor-  
teria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades.  
Queixamo-nos da condição infantil e não vemos que a raça  
humana teria perdido se o homem não tivesse começado  
por ser criança.

Nascermos fracos, precisamos de força; nascemos caren-  
tes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos,  
precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de  
que precisamos quando grandes nos é dado pela educação.  
Essa educação vem-nos da natureza, ou dos homens ou  
das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculda-  
des e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que

filho que despreta o pai pode de algum modo ser culpado; se, porém, em qual-  
quer ocasião que seja, um filho fosse tão demarcado a ponto de desprezar sua  
mãe, aquela que o carregou em seu seio, que o alimentou com seu leite e, durante  
anos, esqueceu-se de si mesma para só se ocupar dele, dever-se-ia ter pressa em es-  
tranhar esse miserável como um monstro indigno de ver a luz. Dizem que as mães  
minam os filhos. Neste ponto, sem dúvida, elas erram, mas erram menos do que  
vós, talvez, que os depreciais. A mãe quer que seu filho seja feliz, e isto desde agora.  
Ela tem razão; se se enganava quanto aos meios, devemos esclarecê-la. A ambição,  
a avareza, a tirania, a falsa previdência dos pais, sua negligência, sua dura insensibili-  
dade são cem vezes mais funestas para as crianças do que a cega ternura das mães.  
De resto, é preciso explicar o sentido que dou à palavra *mãe*, e é o que farei em  
seguida.

\* Garantem-me que o sr. Formey achou que eu queria aqui falar de minha mãe,  
e que disse isso em algum livro. Isso equivale a zombar cruelmente do sr. Formey  
ou de mim.

\*\* Semelhante a eles pelo exterior e sem a palavra e as idéias que ela exprime,  
existiria sem condições de lhes comunicar a necessidade que teria de seu auxílio, e  
nada nele lhes manifestaria esta necessidade.

nos ensinam a fazer desse desenvolvimento e a educação  
dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência so-  
bre os objetos que nos afetam é a educação das coisas.

Assim, cada um de nós é formado por três tipos de mes-  
tres. O discípulo em quem suas diversas ligões se opõem  
é mal educado e jamais estará de acordo consigo mesmo;  
aquele em quem todas elas recaem sobre os mesmos pon-  
tos e tendem aos mesmos fins vai sozinho para seu objeti-  
vo e vive consequentemente. Só esse é bem educado.

Ora, dessas três educações diferentes, a da natureza não  
depende de nós; a das coisas, só em alguns aspectos. A dos  
homens é a única de que somos realmente senhores; mes-  
mo assim, só o somos por suposição, pois quem pode espe-  
rar dirigir inteiramente as palavras e as ações de todos os  
que rodeiam uma criança?

Portanto, uma vez que a educação é uma arte, é quase  
impossível que ela tenha êxito, já que o concurso necessá-  
rio a seu sucesso não depende de ninguém. Tudo o que po-  
demos fazer à custa de esforços é nos aproximarmos mais ou  
menos do alvo, mas é preciso sorte para atingi-lo.

Qual é esse alvo? É o mesmo da natureza, isso acaba  
de ser provado. Já que o concurso das três educações é ne-  
cessário para a perfeição delas, é para aquela quanto à qual  
cessário para a perfeição delas, é para aquela quanto à qual  
nada podemos que é preciso dirigir as duas outras. Mas tal-  
vez o termo natureza tenha um sentido vago demais. Cum-  
pre determiná-lo aqui.

Dizem que a natureza é apenas o hábito\*. Que signifi-  
ca isso? Não existem hábitos que só se contraem pela força  
e jamais abatem a natureza? Assim é, por exemplo, o hábi-  
to das plantas cuja orientação vertical é contrariada. Posta  
em liberdade, a planta conserva a inclinação que a força-  
ram a tomar, mas nem por isso a seiva muda sua direção

\* O sr. Formey garante-nos que não se diz exatamente isso. Todavia, isso me  
parece exatamente o que está dito neste verso a que me propunha responder:  
*A natureza, acredite, não é nada além do hábito.*

O sr. Formey, que não pretende orgulhar seus semelhantes, modestamente nos  
apresenta a medida de seu cérebro como a do entendimento humano.

primitiva e, se a planta continuar a vegetar, seu prolongamento voltará a ser vertical. O mesmo ocorre com as inclinações dos homens. Enquanto permanecemos na mesma condição, podemos conservar as que resultam do hábito e nos são menos naturais; mas, assim que a situação muda, o hábito cessa e a natureza retorna. A educação certamente não é senão um hábito. Ora, não há pessoas que esquecem ou perdem a educação, e outras que a conservam? De onde vem essa diferença? Se é para restringir o nome de natureza aos hábitos conformes à natureza, podemos poupar este galimatias.

Nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Assim que adquirimos, por assim dizer, a consciência de nossas sensações, estamos dispostos a procurar ou a evitar os objetos que as produzem, em primeiro lugar conforme elas sejam agradáveis ou desagradáveis, depois, conforme a conveniência ou inconveniência que encontramos entre nós e esses objetos, e, enfim, conforme os juízos que fazemos sobre a ideia de felicidade ou de perdição que a razão nos dá. Essas disposições estendem-se e firmam-se à medida que nos tornamos mais sensíveis e mais esclarecidos; forçadas, porém, por nossos hábitos, elas se alteram mais ou menos segundo nossas opiniões. Antes de tal alteração, elas são o que chamamos em nós a natureza.

Portanto, é com essas disposições primitivas que deveríamos relacionar tudo, e isso seria possível se nossas três educações fossem apenas diferentes; que fazer, porém, se são opostas, se, em vez de educar um homem para si mesmo, queremos educá-lo para os outros? Este acordo torna-se, então, impossível. Forçado a combater a natureza ou as instituições sociais, é preciso optar entre fazer um homem ou um cidadão, pois não se podem fazer os dois ao mesmo tempo.

Toda sociedade parcial, quando é pequena e muito uni-

da, aliena-se da grande. Todo patriota é duro para com os

estrangeiros: são apenas homens, nada são a seus olhos\*. Esse inconveniente é inevitável, mas é fraco. O essencial é ser bom com as pessoas com quem se vive. Fora, o espertano era ambicioso, avaro, iníquo, mas o desinteressado, a equidade e a concórdia reinavam em sua cidade. Desconfiai desses cosmopolitas que vão procurar longe nos livros os deveres que desdenham cumprir ao seu redor. Tal filósofo ama os tártaros para não ser obrigado a amar seus vizinhos.

O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturalizar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o *eu* para a unidade comum, de sorte que cada particular não se julgue mais como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja perceptível no todo. Um cidadão de Roma não era nem Caius, nem Lucius; era um romano e até mesmo amava exclusivamente a sua própria pátria. Regulus pretendia-se cartaginês, quando se tornou propriedade de seus senhores. Na qualidade de estrangeiro, recusava-se a participar do senado de Roma; foi preciso que um cartaginês lho ordenasse. Indignava-se por quererem salvar-lhe a vida. Venceu e, triunfante, retornou para morrer no suplício. Isso, ao que me parece, não tem muito a ver com os homens que conhecemos. O lacedemônio Pedarctia apresenta-se para ser admittiliz por haver em Esparta trezentos homens que valem mais do que ele. Suponho que era uma demonstração sincera, e cabe acreditar que o fosse: eis o cidadão.

Uma mulher de Esparta tinha cinco filhos no exercício

\* Assim, as guerras das repúblicas são mais cruéis do que as das monarquias. Mas, se a guerra dos reis é moderada, terrível é a sua paz — mais vale ser seu inimigo do que seu súdito.

Na ordem social, onde todos os postos são marcados, cada um deve ser educado para o seu. Se um particular for mado para seu posto vem a deixá-lo, já não serve para nada. A educação só é útil na medida em que a fortuna se harmonize com a vocação dos pais; em qualquer outro caso, ela é nociva ao aluno, ao menos pelos preconceitos que lhe inculcou. No Egito, onde o filho era obrigado a abraçar a profissão do pai, pelo menos a educação tinha um objetivo garantido; mas entre nós, onde apenas as posições sociais permanecem e os homens mudam sem parar, ninguém sabe se, ao educar o filho para a sua profissão, não esta tra-

balhando contra ele.

Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homem, e quem quer que seja bem educado para tal condição não pode preencher mal as outras relacionadas com ela. Pouco me importa que des-

tinem meu aluno a espada, a igreja ou a barra. Antes da vocação dos pais, a natureza o chama para a vida humana. Viver é o officio que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo o que um homem deve ser, ele será capaz de ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu. *Occupavi te, Fortuna, atque cepi; omnesque aditus tuos interclusi, ut ad me aspirare non posses.*

Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana. Aquelle de nós que melhor souber suportar os bens e os males desta vida é, para mim, o mais bem educado; donde se segue que a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Começamos a nos instruir quanto do começamos a viver; nossa educação começa junto conosco; nosso primeiro preceptor é a nossa ama-de-leite. Assim, a palavra *educação* tinha entre os antigos um sentido diferente, que já não lhe damos: significava alimentação. *Educit obstetrix, diz Varrão; educat nutritrix, instituit paedagogus, docet magister.* A educação, a formação e a instrução,

portanto, são três coisas tão diferentes no que se refere ao seu objeto quanto a governanta, o preceptor e o professor. Estas distinções, porém, não são bem compreendidas e, para ser bem dirigida, a criança deve seguir um só guia.

Devemos, pois, generalizar nossas idéias e considerar em nosso aluno o homem abstrato, o homem exposto a todos os accidentes da vida humana. Se os homens nascessem presos ao solo de um país, se a mesma estação durasse o ano todo, se cada homem estivesse unido à sua fortuna de modo a nunca poder mudá-la, a prática estabelecida seria boa sob certos aspectos; a criança educada para a sua condigão, sem jamais sair dela, não poderia estar exposta aos inconvenientes de uma outra. Dada, porém, a mobilidade das coisas humanas, dado o espirito agitado e inquieto do século que pertubava tudo a cada geração, pode-se conceber um método mais insensato do que educar uma criança como se nunca tivesse de sair do seu quarto, como se tivesse de estar sempre rodada pelos seus? Se a infeliz der um só passo pela terra, se descer um só degrau, estará perdida. Não se trata de ensiná-la a suportar as dificuldades, mas de exercitá-la para senti-las.

Só se pensa em conservar o filho; isto não é suficiente; é preciso ensiná-lo a se conservar enquanto homem, a suportar os golpes da sorte, a desatir a opulência e a miséria, a viver, se preciso, nos gelos da Islândia ou sobre o ardente rochedo de Malta. Por mais que toméis precauções para que ele não morra, morrerá, no entanto, necessariamente; e, mesmo sua morte não sendo obra de vossos cuidados, elles seriam mal comprehendidos. Trata-se menos de impedi-lo de morrer do que de fazê-lo viver. Viver não é respirar, mas agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais viveu não é o que contou maior número de anos, mas aquele que mais sentiu a vida. Tal homem foi enterrado aos cem anos e estava morto desde o nascimento. Melhor seria ir

para a tumba na juventude, se pelo menos tivesse vivido até essa idade.

Toda a nossa sabedoria consiste em preconceitos servis, todos os nossos costumes não passam de sujeição, embarago e constrangimento. O homem civil nasce, vive e morre na escravidão; enquanto conservar a figura humana, está acorrentado por nossas instituições.

Dizem que muitas parteias pretendem, ao moldar a cabeça das crianças recém-nascidas, dar-lhes uma forma mais conveniente, e isso é tolerado! Nossas cabeças não estariam bem à maneira do autor de nosso ser; precisamos tê-las moldadas por fora através das parteias e por dentro através dos filósofos. Os caralbas são pela metade mais felizes do que nós: "Mal a criança saiu do ventre da mãe e mal gozou da liberdade de movimentar e esticar seus membros e já lhe dão novos lagos. Põem-lhe fraldas, deitam-na com a cabeça presa e com as pernas esticadas, com os braços pendentes ao lado do corpo; é envolta em panos e bandagens de toda espécie, que não lhe permitem mudar de posição. Feliz da criança se não a apertaram a ponto de impedir a de respirar, e se tiveram a precaução de deitá-la de lado, para que as águas que deve devolver pela boca possam cair por si mesmas! Pois ela não teria a liberdade de voltar a cabeça para o lado a fim de facilitar seu escoamento."?

A criança recém-nascida precisa esticar e mover os membros para tirá-los do entorpecimento em que, unidos como num novelo, permaneceram por longo tempo. E verdade que os esticamos, mas os impedimos de se moverem; chegamos até a prender-lhe a cabeça a testeirolas: até parece que temos medo de que ela pareça estar viva.

Assim, o impulso das partes internas de um corpo que tende ao crescimento encontra um obstáculo insuperável para os movimentos que tal impulso requer dele. Continuamente a criança faz esforços inúteis que esgotam suas forças ou arrastam seu progresso. Ela estava menos apertada, menos embaraçada, menos comprimida no âmnio do que entre os cueros; não percebe o que ela ganhou ao nascer.

A inação, o constrangimento em que se mantêm os membros de uma criança só podem dificultar a circulação do sangue, dos humores, impedir que a criança se torne mais forte, cresça, e alterar sua constituição. Nos lugares em que são grandes, fortes, bem proporcionados. Os lugares em que se entaxam as crianças estão cheios de corcundas, de mancos, de cambaios, de raquíticos, de pessoas deformadas de todo tipo. Temendo que os corpos se deformem com os movimentos livres, apressam-se em deformá-los pondo-os entre prensas. De bom grado os tornariam paráliticos para impedí-los de se estropiarem.

Poderia um constrangimento tão cruel deixar de influir no humor e no temperamento? O primeiro sentimento das crianças é um sentimento de dor e de sofrimento; só encontram obstáculos em todos os movimentos de que precisam; mais infelizes do que um criminoso agrilhado, fazem vãos esforços, irritam-se, gritam. Dizets que seus primeiros sons são choros? Acredito, vós as contrariats desde o nascimento. Os primeiros presentes que recebem de vós são correntes; os primeiros cuidados que recebem são torturas. Não tendo nada de livre a não ser a voz, como não se serviriam dela para se queixarem? Gritam pela dor que lhes provocais: garroteados do mesmo modo, gritaríeis mais forte ainda.

De onde vem esse costume insensato? De um costume desnaturado. Desde que as mães, desprezando seu primeiro dever, não mais quiseram alimentar seus filhos, foi preciso confiá-los a mulheres mercenárias que, vendo-se assim mães de filhos alheios, por quem a natureza nada lhes dizia, só procuraram furtar-se ao incômodo. Teria sido preciso zelar continuamente por uma criança em liberdade; mas, quando ela está bem amarrada, jogam-na a um canto sem se preocuparem com seus gritos. Contudo que não haja provas sobre a negligência da ama-de-leite, contanto que o bebê não quebre nem o braço, nem a perna, que importa que ele morra ou permaneça doente o resto da vida? Conservam-se seus membros à custa de seu corpo e, aconteça o que acontecer, a ama-de-leite é desculpada.

de exemplos, até o que diz de realizável permanecerá sem uso se não mostrar sua aplicação.

Assim, tomei o partido de tomar um aluno imaginário, de supor em mim a idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar em sua educação e conduzi-la desde o momento do seu nascimento até que, já homem, não mais precisasse de outro guia que não ele mesmo. Este método me parece útil para impedir que um autor que desconfia de si se perca em visões; pois, a partir do momento em que se afasta da prática ordinária, ele só tem de dar provas do valor de sua prática em seu aluno, e logo sentirá, ou o leitor sentirá por ele, se está seguindo o progresso da infância e a marcha natural do coraço humano.

Eis o que procurei fazer em todas as dificuldades que se apresentaram. Para não engrossar inutilmente o livro, contentei-me em colocar os princípios, cuja verdade cada qual deve perceber. Mas, quanto às regras que podiam precisar de provas, apliquei-as todas ao meu Emílio ou a outros exemplos, e mostrei em pormenores bastante extensos como podia ser realizado o que eu estabelecia; este, pelo menos, é o plano que me propus a seguir. Cabe ao leitor julgar se me sai bem.

Disso resultou que inicialmente pouco falei de Emílio, pois minhas primeiras máximas de educação, embora contrárias às que estão estabelecidas, são de uma evidência a que é difícil para todo homem razoável recusar o consentimento. Mas, à medida que avanço, meu aluno, orientado de maneira diferente daquela dos vossos, já não é uma criança comum; torna-se necessário um regime especial para ele. Então ele aparece com mais frequência em cena, e perto do final não o perco de vista em nenhum momento, até que, diga ele o que disser, não tenha mais nenhuma necessidade de mim.

Não falo aqui das qualidades de um bom preceptor; eu as suponho, e me suponho dotado de todas essas qualidades. Ao ler esta obra, verão de que liberalidade usei a meu respeito.

Apenas observei, contra a opinião comum, que o preceptor de uma criança deve ser jovem, e até mesmo tão jovem quanto pode sê-lo um homem sábio. Costaria que ele próprio fosse criança, se fosse possível, para que pudesse ser um companheiro de seu aluno, e conquistar sua confiança ao compartilhar suas diversões. Não há muitas coisas em comum entre a infância e a maturidade para que se possa formar um apego muito sólido a tal distância. As vezes as crianças fazem agrados aos velhos, mas jamais os amam.

Desje-se que o preceptor já tenha conduzido uma educação. É demasiado. Um mesmo homem não pode conduzir mais do que uma; se fossem necessárias duas para ter êxito, com que direito se empreenderia a primeira? Com mais experiência saber-se-ia agir melhor, mas não se conseguiria mais. Aquêle que realizou este offício bastante bem para perceber todas as suas dificuldades não tenta novamente, e, se o tiver realizado mal na primeira vez, trata-se de um mal prognóstico para a segunda.

Concordo que é muito diferente acompanhar um rapaz durante quatro anos, ou conduzi-lo durante vinte e cinco. Dais um preceptor para vosso filho quando já está formado; eu quero que ele tenha um antes de nascer. Vosso homem pode trocar de aluno a cada cinco anos; o meu não terá mais do que um. Distinguis o *precepteur* do *gouverneur*; outra loucura! Distinguis o discípulo do aluno? Só há uma ciência a ensinar às crianças, que é a dos deveres do homem. Essa ciência é uma; diga Xenofonte o que disser da educação dos persas, ela não se divide. De resto, prefito chamar de *gouverneur* e não de *precepteur* o professor dessa ciência, pois trata-se menos, para ele, de instruir do que de dirigir. Não deve dar preceitos, e sim fazer com que eles sejam encontrados.

Se é preciso escolher com tanta atenção o preceptor, é permitido a este também escolher o seu aluno, sobretudo quando se trata de um modelo a propor. A escolha não pode recair nem sobre o gênio, nem sobre o caráter da criança.

O homem sábio sabe permanecer em seu lugar, mas a criança que não sabe o seu não será capaz de permanecer nele. Junto a nós, existem mil lugares por onde a criança pode sair de seu lugar; cabe aos que a educam mantê-la nele, e esta não é uma tarefa fácil. Ela não deve ser nem um animal, nem um homem, e sim criança. É preciso que ela sinta a sua fraqueza e não que a sofra; é preciso que ela dependa, e não que obedeça; é preciso que ela peca, e não que mande. A criança só está submetida aos outros em razão de suas necessidades, e porque vêem melhor do que ela o que lhe é útil, o que pode contribuir ou prejudicar a sua conservação. Ninguém tem o direito, nem mesmo o pai, de ordenar à criança o que não lhe serve para nada.

Antes que os preconceitos e as instituições humanas tenham alterado nossas inclinações naturais, a felicidade das crianças e dos homens consiste no uso de sua liberdade. Mas, nos primeiros, esta liberdade é limitada pela fraqueza. Quem faz o que quer é feliz quando basta a si mesmo; é o caso do homem que vive no estado de natureza. Quem faz o que quer não é feliz quando suas necessidades ultrapassarem suas forças: é o caso da criança no mesmo estado. As crianças, até mesmo no estado de natureza, só gozam de uma liberdade imperfeita, semelhante àquela de que gozam os homens no estado civil. Cada um de nós, não podendo dispensar os outros, volta a ser, a esse respeito, fraco e miserável. Ermosos feitos para sermos homens; as leis e a sociedade voltaram a mergulhar-nos na infância. Os ricos, os grandes, os reis, todos são crianças que, vendo que se empenham em remediar sua miséria, tiram desse mesmo fato uma vaidade pueril, e se envaldecem com os cuidados que não teriam para com elas se fossem homens feitos.

Essas considerações são importantes e servem para resolver todas as contradições do sistema social. Existem dois tipos de dependência: a das coisas, que é da natureza, e a dos homens, que é da sociedade. Não tendo nenhuma moralidade, a dependência das coisas não prejudica a liberdade e não gera vícios; a dependência dos homens, sendo de-

ro à mancha; erguei baterias de canhões; montai cadafat-sos e rodadas; promulgai leis e editos; multiplicai os espiões, os soldados, os carrascos, as cadeias; pobres homenszinhos, de que vos serve tudo isso? Não seréis melhor servidos, nem menos roubados, nem menos enganados, nem mais absolutos. Continuareis a dizer: nós queremos, e continuareis a fazer o que os outros quiserem.

O único que faz a sua vontade é aquele que não precisa para tanto colocar o braço de outrem na ponta dos seus. Segue-se daí que o primeiro de todos os bens não é a autoridade, mas a liberdade. O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada. Eis a minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplicá-la à infância, e todas as regras da educação decorrerão dela.

A sociedade entrouccu o homem não apenas lhe tolheo o direito que tinha sobre suas próprias forças, mas sobretudo tornando-as insuficientes. Eis por que seus desejos se multiplicam junto com sua fraqueza, e eis o que faz a fraqueza da infância relativamente à idade madura. Se o homem é um ser forte e a criança é um ser fraco, não é porque o primeiro tem mais força absoluta do que o segundo, mas porque o primeiro pode naturalmente bastar a si mesmo e o outro não. Portanto, o homem deve ter mais vontades e a criança mais fantaisias, termo pelo qual entendo todos os desejos que não sejam verdadeiras necessidades e que só podemos satisfazer com o auxílio de outrem.

Eu disse a razão desse estado de fraqueza. A natureza a supre pelo apego dos pais e das mães. No entanto, esse apego pode ter seu excesso, sua falta e seus abusos. Pais que vivem no estado civil levam para ele a criança antes da idade. Dando-lhe mais necessidades do que ela tem, não remediaram sua fraqueza, mas a aumentam. Também a aumentam exigindo da criança o que a natureza não lhe exige, submetendo as suas próprias vontades as poucas forças que a criança tem para servir às suas, transformando completamente em escravidão a dependência recíproca em que a criança tem sua fraqueza e em que os mantém seu apego.



seus movimentos são necessidades de sua constituição, que procura fortalecer-se. Devemos, porém, desconfiar do que obrigados a fazê-lo por elas. É preciso, então, distinguir com cuidado a verdadeira necessidade, a necessidade natural, da necessidade de fantasia que começa a nascer, ou então daquella que provém da superabundância de vida de que falei. Já disse o que se deve fazer quando uma criança chora para conseguir isto ou aquillo. Apenas acrescentarei que, a partir do momento em que ella pode, falando, pedir o que deseja, para obtê-lo mais rapidamente ou para evitar uma recusa, faz com que o choro acompanhe o pedido, deve ter o seu pedido irrevogavelmente recusado. Se a necessidade a fez falar, deveis sabê-lo e fazer immediatamente o que ella pede, mas ceder algo pelas lágrimas é provocá-la para que as derrame, é consinar-lhe a duvidar de vossa boa vontade e a acreditar que a oportunidade pode mais sobre vós do que a benevolência. Se ella não acreditar que sois bom, logo se tornará má; se acreditar que sois fraco, logo se tornará teimosa. É importante que sempre concedais ao primeiro sinal o que não quereis recusar. Não sejais prodígio na recusa, mas não a revogueis jamais.

Evitai principalmente dar à criança vãs fórmulas de polidez, que se necessário lhe servem de palavra mágica para submeter à sua vontade tudo o que a rodêa e para obter imediatamente o que lhe agrada. Na hipócrita educação dos ricos, nunca se deixa de torná-los politicamente impertiosos, prescrevendo-lhes os termos de que devem servir-se para que ninguém ouse resistir-lhes; seus filhos não têm nem tons, nem maneiras supplicantes; todos eles são tão arrogantes, e até mais, ao pedir quanto ao mandar, por estarem muito certos de serem obedecidos. Vemos em primeiro lugar que *si'l vous plaît* significa em sua boca *il me plaît*, e que *je vous prie* significa *je vous ordonne*. Admirável polidez, não permitindo que se fale de uma maneira que não seja impertiosa! De minha parte, eu, que temo menos que Emi-

sordenada\*, gera todos os vícios, e por ella que o senhor e o escravo depravam-se mutuamente. Se há um meio de remediar esse mal na sociedade, esse meio é substituir o homem pela lei e armar as vontades gerais de uma força real, superior à ação de qualquer vontade particular. Se as leis das nações pudessem ter, como as da natureza, uma inflexibilidade que nunca alguma força humana pudesse vencer, a dependência dos homens voltaria então a ser a das coisas; reunir-se-iam na república todas as vantagens do estado natural e do estado civil; juntar-se-ia à liberdade que mantêm o homem sem vícios a moralidade que o educa para a virtude.

Conservai a criança unicamente na dependência das coisas e tereis seguido a ordem da natureza no progresso de sua educação. Nunca ofereçais a suas vontades indiscretas senão obstáculos físicos ou punições que nasçam das próprias ações, de que se lembrem quando oportuno; sem lhe prohibir de agir mal, basta que seja impedida. Só a experiência e a impotência devem ser lei para a criança. Nada concedei a seus desejos porque ella o pede, mas porque precisa. Que ella não saiba o que é obediência quando age, nem o modo a sua liberdade em sua próprias ações e nas vossas. Supri a força que lhe falta exatadamente na medida em que tem necessidade della para ser livre, e não impertiosa; que, recebendo vossos serviços com uma espécie de humilhação, ella aspire ao momento em que poderá dispensá-los e tera a honra de servir a si mesma.

Para fortalecer o corpo e fazê-lo crescer, a natureza dispõe de meios que nunca devemos contrariar. Não devemos obrigar uma criança a ficar quando quer sair, ou a sair quando quer ficar. Quando a vontade das crianças não está mada por nossa culpa, ellas nada querem inutilmente. Ellas devem pular, correr, gritar quando têm vontade. Todos os

\* Nos meus *Princípios do Direito Politico* fica demonstrado que nenhuma vontade particular pode ser ordenada no sistema social.

A criança, que não conhece nada disso, não pode ter nenhum mérito ao dar; dá sem caridade, sem beneficência; ficará quase envergonhada por dar-se, baseada no seu exemplo e no vosso, acreditar que somente as crianças dão, e que não damos mais esmolas quando nos tornamos adultos.

(Observai que só se fazem as crianças dar em cujo valor elas ignoram, moedas de metal que ela carregava nos bolsos e que só lhe servem para isso. Uma criança preferiria dar cem luizes a dar um doce. Masizei com que esse prodígio distribuidor de as coisas de que gosta, brinquedos, balas, sua merenda, e logo sabermos se o tornastes realmente liberal.

Há outro recurso para isso, que é devolver bem depressa a criança o que ela deu, de maneira que ela se acostume a dar tudo o que sabe que lhe vai ser devolvido. Quase que só vi nas crianças essas duas espécies de generosidade: dar o que não lhes serve para nada, ou dar o que têm certeza de que lhes será devolvido. Fizei com que, diz Locke, as crianças sejam convencidas pela experiência de que o mais liberal sempre é o mais dotado. Isso torna a criança liberal na aparência e avara de fato. Diz ele também que assim as crianças contratam o hábito da liberalidade. Sim, mas de uma liberalidade usurária, que dá um ovo para ter um boi. Mas, quando se tratar de dar simplesmente, adeus hábitos; quando se deixar de lhes devolver, logo elas deixarão de dar. É preciso considerar mais o hábito da alma do que o das mãos. Todas as outras virtudes que ensinamos as crianças parecem-se com essa. E é pregando-lhes essas sólidas virtudes que gastamos seus jovens anos na tristeza! Essa não é uma educação sábia!

Mestres, deixai os fingimentos, sede virtuosos e bons e que vossos exemplos se gravem na memória de vossos alunos, enquanto esperamos que possam entrar em seus corações. Uma vez de me apressar a exigir do meu alguns atos de caridade, preferiu fazê-los em sua presença e tirar-me até mesmo os meios de me imitar naquilo, como uma honra que não pertence à sua idade, pois é importante que ele não se acostume a considerar os deveres dos homens ape-

mir algum compromisso, ele tenha sempre um interesse presente e sensível em cumpri-lo; e que, se porventura lhe faltarem da própria ordem das coisas, e não da vingança de seu preceptor. Mas, longe de precisar recorrer a tão cruéis expedientes, tenho quase certeza de que emlho aprenderá muito tarde o que seja mentir, e de que, ao aprendê-lo, ficará muito surpreso, não podendo imaginar para que a mentira pode ser boa. É claro que, quanto mais torno seu bem-estar independente tanto das vontades como dos juízos dos outros, mais afastado dele todo interesse por mentir.

Quando não se tem pressa de instruir, não se tem pressa de exigir, e ocupa-se o tempo em não exigir nada que não seja pertinente. A criança, então, forma-se sem ficar nada. Mas, quando um preceptor aturdido, não sabendo o que fazer, faz a todo instante com que ela prometa isto ou aquilo, sem distinção, sem escolha, sem medida, a criança, aborrecida, sobrecarregada de todas essas promessas, desdenha-as, esquece-as, deixa-as de lado, enfim, e, considerando-as como fórmulas vazias, transforma num jogo prometer e não cumprir. Se quereis, então, que ela seja fiel à palavra dada, sede discreto ao exigí-la.

Oporemor em que acabo de entrar a respeito da mentira pode sob muitos aspectos aplicar-se a todos os outros deveres, que só prescrevemos às crianças para torná-los, além de odiosos, irrealizáveis. Para parecer que lhes pregamos a virtude, fazemo-las amar todos os vícios. Damo-las a elas ao proibirmos que os tenham. Queremos torná-las piedosas e as levamos à igreja para se aborrecer; fazendo-as resmungar orações, forçamo-las a aspirar a alegria de não mais rezar a Deus. Para inspirar-lhes a caridade, fazemo-las dar esmola, como se desdenhássemos dá-la nós mesmos. Ah! Não é a criança que deve dar, é o mestre; tenha o apego que tiver por seu aluno, deve disputar com ele essa honra, deve fazê-lo pensar que na sua idade ainda não se é digno disso. A esmola é ação de um homem que conhece o valor do que dá, e a necessidade que seu semelhante tem daquilo.

Estabelegamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza sejam sempre diretos: não há perversidade original no coração humano. Não se en- contra nele um só vício de que não possamos dizer como e por onde entrou. A única paixão natural ao homem é o amor de si mesmo, ou o amor-próprio tomado em sentido amplo. Este amor-próprio, em si ou relativamente a nós, é bom e útil, e como não tem relaxação necessária como ou- trem, é a esse respeito naturalmente indiferente. Só se tor- na bom ou mau pela aplicação que se faz dele e pelas rela- ções que se dão a ele. Até que o guia do amor-próprio, que é a razão, possa nascer, é portanto importante que uma criança não faça nada porque é vista ou ouvida, nada, nu- ma palavra, por causa dos outros, mas apenas o que a natu- reza lhe pede. Nesse caso, nada fará que não seja bom.

Não quero dizer que nunca fará estragos, que não se ferirá, que porventura não quebrará um móvel caro que se encontre ao seu alcance. Ela poderia fazer muito mal sem agir mal, pois a má ação depende da intenção de pre- judicar, e ela jamais terá essa intenção. Se a tivesse uma única vez, tudo já estaria perdido: ela seria má quase inevi- tavelmente.

Uma coisa é má aos olhos da avaréza e não o é aos olhos da razão. Deixando-se as crianças em plena liberdade de pra- ticar suas travessuras, convém tirar de seu alcance tudo o que de precioso. Que seu quarto tenha móveis grossos e sólidos; nada de espelhos, nada de porcelanas, nada de ob- jets de luxo. Quanto ao Emílio, que educo no campo, seu quarto não terá nada que o distinga daquele de um campo- nês. Para que entenda-o com tanto esmero, se deve perma- necer ali por tão pouco tempo? Mas estou enganado: ele próprio o entretará, e logo veremos com que.

Se, apesar de vossas precauções, a criança vem a fazer alguma desordem, a quebrar algo de útil, não a castigais pela vossa negligência, não a repreendeis; não ouça ela uma só palavra de reprimenda; não a deixeis nem mesmo entre-

ver que vos causou aborrecimentos; agi exatadamente como se o móvel tivesse se quebrado por si mesmo; julgai ter feito muito se podis não dizer nada.

Usarei expor aqui a maior, a mais importante, a mais útil regra de toda a educação? Não se trata de ganhar tem- po, mas de perdê-lo. Leitores vulgares, perdoai meus para- doxos, é preciso comê-los quando refletimos; e, digam o que disserem, prefiro ser homem de paradoxos a ser ho- mem de preconceitos. O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento até a idade de doze anos. É o tempo em que germinam os erros e os vícios, sem que tenhamos ainda algum instrumento para destruí-los. E, quando chega o instrumento, as raízes são tão profundas, que já não é tempo de arrancá-las. Se as crianças saltassem de uma vez das tetas para a idade da razão, a educação que lhes damos poderia ser-lhes convenientes. Mas, segundo o progresso natural, precisamos de uma educação totalmente contrária. Seria preciso que nada fizéssem de sua alma até que ela estivesse de posse de todas as suas faculdades, pois é impossível ela perceber a chama que lhe mostrais enquanto é cega, e seguir, em meio à imensa planície das idéias, uma estrada que a razão traga ainda tão levemente para os me- lhores olhos.

Portanto, a primeira educação deve ser puramente ne- gativa. Consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito con- tra o erro. Se pudésseis nada fazer e nada deixar que fizes- sem, se pudésseis levar vosso aluno ao e robusto até a ida- de de doze anos sem que ele soubesse distinguir a mão es- querdada da direita, desde vossas primeiras lições os olhos de seu entendimento se abririam para a razão; sem preconcei- tos, sem hábitos, ele nada teria em si que pudesse obstar o efeito de vossos trabalhos. Logo se tornaria em vossas mãos o mais sábio dos homens e, começando por nada fa- zer, teríeis feito um prodígio de educação.

Fazei o contrário do que é o costume e quase sempre agirdes bem. Como não se quer fazer de uma criança uma

avaro que perde muito por não querer perder nada. Sacrifica na infância um tempo que ganhareis com juro numa idade mais avançada. O médico sabio não dá estouvadamente receitas a primeira vista, mas primeiro estuda o temperamento do doente antes de lhe prescrever qualquer coisa; começa a tratá-lo tarde, mas cura-o, ao passo que o médico apressado demais o mata.

Mas onde collocarmos essa criança para assim educá-la como um ser insensível, como um autómato? Guardá-la emos no globo lunar, numa ilha deserta? Afastá-la-emos de todos os humanos? Não terá ella no mundo continuamente o espectáculo e o exemplo das paixões dos outros? Não verá nunca outras crianças de sua idade? Não verá seus pais, seus vizinhos, sua ama, sua governanta, seu lacão, o proprio preceptor, que afinal não será um anjo?

Esta objecção é forte e sólida. Mas terei dito que era coisa fácil uma educação natural? O homem! Será minha culpa se tornastes difficil tudo o que é bom? Percebo essas difficuldades, concordo; talvez sejam insuperáveis, mas também é verdade que nos esforçando para preveni-las, prevenimolas até certo ponto. Mostro o alvo que devemos proporcionar, não digo que possamos alcançá-lo, mas sim que aquelle que mais se aproximar dele será o mais bem-sucedido.

Lembrai-vos de que, antes de ousar emprender a formação de um homem, é preciso ter-se feito homem; é preciso ter em si o exemplo que se deve propor. Enquanto a criança ainda não tem conhecimento, temos o tempo de preparar tudo o que a rodella para só impressionar seus primeiros olhares com objectos que lhe convêm ver. Tornai-vos respeitável diante de todos, começai por vos fazer amar, para que cada qual procure agradar-vos. Não sereis senhor da criança se não o fordes de tudo o que a cerca, e essa autoridade nunca será sufficiente se não estiver baseada na estima pela virtude. Não se trata de esvaziar a bolsa e dar dinheiro à mancheia; nunca vi que o dinheiro fizesse alguém ser amado. Não se deve ser avaro e duro, nem lamentar a miséria que se pode remediar; mas ainda que abrais vossos

criança, mas sim um doutor, nunca é cedo demais para os pais e os mestres reprehenderem, corrigirem, admoestarem, adularcm, amegarem, prometterem, instruirem, arguementarem. Fazei melhor do que isso: sede razoável e não racioneis com vosso aluno, sobretudo para fazê-lo aprovar o que não quer, pois levar assim sempre a razão para as costas desagradáveis só faz torná-la abortiva e desaccrédita-las quanto possível. Temet todos os sentimentos anteriores ao juizo que os apricia. Freai, recende as impressões alheias e para impedir que o mal nasça, não vos apresséis em fazer o bem, pois elle só é tal quando a razão o illumina. Considerai como vanagens todas as demoras: ganha-se muito quando se avança para o final sem nada perder. Deixai que se amadureça a infancia nas crianças. Enfin, faz-se necessária para ellas alguma ligão? Vivai da-la hoje, se podéis adia-la para amanhã sem perigo.

Outra consideração que confirma a utilidade deste método para saber que regime moral lhe convém. Cada espirito tem a sua forma propria, segundo a qual precisa ser governado, e é importante para o êxito de nossos trabalhos que se determine que elle seja governado dessa forma e não de outra. Homem prudente, considerai por longo tempo a natureza, observai bem vosso aluno antes de lhe dizer a primeira palavra; deixai primeiro o regime de seu carácter em plena liberdade para se mostrar, não o constrançais a seja o que for, para melhor vê-lo por inteiro. Julgais que esse tempo de liberdade seja perdido para elle? Pelo contrario, será o melhor empregado, pois é assim que ensinareis a não perder um só momento de um tempo precioso; mas, se convierdes a agir antes de saber o que é preciso fazer, agirdes ao acaso. Sujito a vos enganardes, será preciso voltardes atrás. Estareis mais afastado do fim do que se tivessis sido menos apressado para atingi-lo. Assim, não fagais como o

tadas de maneira que ella possa vir a reconhecê-las. Uma garralhada indisciplinada pode estragar o trabalho de seis meses e causar um dano irreparavel para toda a vida. Nunca é demais repetir que, para ser o mestre da criança, é preciso ser mestre de si mesmo. Imagino o pequeno Emilio, no auge de uma briga entre duas vizinhas, dirigindo-se para a mais furiosa e lhe dizendo num tom de comiserção: *Minha cara, a senhora está doente, eu lamento.* Com certeza, esta tirada não ficará sem efeito entre os espectadores, nem talvez entre as vizinhas. Sem rir, sem repreendê-lo, sem aplaudilo, eu o levo dali antes que se possa dar-se conta desse efeito, ou pelo menos antes que se ponha a pensar sobre elle, e apresso-me em distral-lo com outros assuntos que o façam esquecer-se rapidamente daquillo.

Meu objetivo não é entrar em todos os pormenores, mas apenas expor as máximas gerais e dar exemplos para as occasões difficeis. Considero impossivel que em meio a sociedade se possa levar uma criança até a idade de doze anos sem lhe dar alguma idéa das relações de homem para homem e da moralidade das ações humanas. Basta que lhe forneçamos essas noções necessarias o mais tarde possivel e que, quando ellas se tornarem inevitáveis, nós as limitemos a utilidade presente, apenas para que ella não se julgue senhora de tudo e não faça mal aos outros, sem escrúpulos e sem o saber. Existem temperamentos mansos e tranquilos que podemos sem perigo conservar por muito tempo em sua primeira innocencia, mas também existem naturas violentas cuja ferocidade cedo se desenvolve, e devemos apressar-nos em torná-las homens, para não sermos obrigados a acorrentá-las.

Nossos primeiros deveres são para com nós mesmos; nossos sentimentos primitivos concentram-se em nós mesmos; todos os nossos movimentos naturais relacionam-se primariamente com nossa conservação e nosso bem-estar. Assim, o primeiro sentimento da justiça não vos vem daquelle que nós devemos, mas sim da que nos é devida, e esse é mais um dos contra-sensos das educações comuns, que, falando primariamente as crianças de seus deveres e nunca

veis que a impressioam e a forçam a prestar atençaõ. A colera, principalmente, é tão ruidosa em seus arroubos que é impossivel não percebê-la estando por perto. Não nos devimos perguntar se esta é uma oportunidade para um pedagoço pronunciar um bello discurso. Ah! Nada de belos discursos, nada mesmo, nem uma palavra. Deixai que venha a criança: espartada com o espetáculo, ella não deixará de vos fazer perguntas. A resposta é simples, vem dos primeiros objectos que atingem seus sentidos. A criança vê um rosto excitado, olhos brilhantes, um gesto ameaçador, ouve gritos; são todos sinais de que o corpo não vai bem. Dizelhe isso, tranquilamente, sem mistério: este pobre homem está doente, sofre um acesso de febre. Podeis aproveitar a occasião para lhe dar, mas em poucas palavras, uma idéa sobre as doenças e seus efeitos, pois isso também é da natureza, e é um dos lagos da necessidade aos quaes ella deve sentir-se submetida.

Não pode ser que com esta idéa, que não é falsa, ella não contraia logo certa repugnância por se entregar aos excessos das paixões, que considerara como doenças? E acreditais que tal noção, dada convenientemente, não produzirá um efeito tão salutar quanto o mais tedioso sermão de moral? Mas vede no futuro as consequências dessa noção! Eis que estareis autorizado, se alguma vez fordes obrigado a tratar uma criança rebelde como uma criança doente, a trançala no quarto, na cama se preciso for, a mantê-la em regime, a apavorar a ella mesma com seus vícios nascentes, a torná-la odiosa e temiveis para ella, sem que nunca ella possa encerrar como um castigo a severidade de que talvez sejais forçado a usar para curá-la. E, se vos acontecer, em algum momento de entusiasmo, perder o sangue-frio e a moderação com que deveis formar vosso estudo, não procureis disfarçar vosso erro, mas dizei-lhe francamente, com uma reprimenda carinhosa: meu amigo, tu me fizeste mal.

De resto, é importante que todas as ingenuidades que pode produzir numa criança a simplicidade das idéas que lhe dão nunca sejam comentadas em sua presença, nem ci-

quer criar, imitar, produzir, dar mostras de potência e de atividade. Não terá visto duas vezes lavrar um jardim, semear, germinarem e crescerem os legumes, e quererá também cultivar um jardim.

Pelos princípios acima estabelecidos, não me oponho ao seu desejo; pelo contrário, favoreço-o, compartilho seu gosto, trabalho com ela, não por seu prazer mas pelo meu, e isso pelo menos que ela acha; torno-me seu jardineiro ajudante; enquanto ela não tem braços para isto, lavro a terra para ela; ela toma posse dessa terra plantando uma lava, e com certeza essa tomada de posse é mais sagrada e mais meritável do que a de Nuñez Balboa sobre a América meridional em nome do rei da Espanha, plantando seu estandarte nas costas do mar do Sul.

Vimos todos os dias regar as favas, vemos-las germinar entre arrebujos de alegria. Aumento ainda mais essa alegria dizendo-lhe: isto lhe pertence. E, explicando-lhe então a palavra *pertencer*, faço-a perceber que colocou ali seu tempo, seu trabalho, seu sofrimento, sua pessoa, enfim; que naquela terra existe algo que é dela mesma, que ela pode exigir contra quem quer que seja, da mesma forma como poderia retirar seu braço da mão de um outro homem que quisesse retê-la contra a sua vontade.

Um belo dia ela chega apressada, de regador na mão. Ó espetáculo! Ó dor! Todas as favas foram arrancadas, todo o terreno está revirado, nem se reconhece o lugar. Ah! Que aconteceu com meu trabalho, com minha obra, o doce fruto de meus zelos e de meus suores? Quem me tirou o que era meu? Quem me tomou minhas favas? O jovem coração se revolta; o primeiro sentimento da injustiça vem vertter nele seu triste amargor; as lágrimas correm como rios; a criança consternada enche o ar de gemidos e de gritos. Comparilhamos sua dor, sua indignação; procuramos, informamos, fazemos perquisições. Finalmente, descobrimos que foi o jardineiro quem fez aquilo: mandamos chamá-lo.

de seus direitos, começam por lhes dizer o contrário do que é preciso, o que elas não são capazes de entender e não lhes pode interessar.

Portanto, se eu tivesse de educar uma destas crianças

que não ataca as pessoas\*, mas sim as coisas, e cedo aprende pela experiência a respeitar quem quer que a supere em idade e em força, mas as coisas não se defendem por si mesmas.

A primeira idéia, portanto, que lhe devemos dar é menos a de liberdade do que a de propriedade; e, para que possa ter essa idéia, é preciso que ela tenha algo de seu. Falar de

suas roupas, seus móveis e seus brinquedos não significa nada, pois, embora disponha dessas coisas, não sabe nem por que nem como as tem. Dizer-lhe que as tem porque lhe foram dadas pouco adianta, pois para dar é preciso ter: eis,

pois, uma propriedade anterior à sua, e é o princípio de propriedade que lhe queremos explicar. Isso sem falar que o dom é uma convenção, e a criança ainda não pode saber o que é uma convenção\*. Leitores, peço-vos que observeis neste exemplo e em cem mil outros como, pondo na cabeça das crianças palavras que não têm nenhum sentido acessível para elas, acreditamos tê-las instruído muitíssimo bem.

Trata-se, pois, de voltar à origem da propriedade, pois é de lá que a primeira idéia deve nascer. Vivendo no campo, a criança terá tido alguma noção dos trabalhos campestres; para isso, só é preciso fazer e olhar essas coisas. Em todas as idades, e sobretudo na sua, a criança

\* Não devemos jamais tolerar que uma criança se comporte com os adultos como seus inferiores, e nem mesmo como com seus iguais. Se ela ousar bater seriamente em algum adulto, mesmo que seja seu irmão, mesmo que seja o cartaco, fazê-lo com que sempre lhe devolvam os golpes com furor, de maneira a lhe tirar a vontade de repetir o que fez. Vi imprudentes precipitados encorajarem a rebeldia de uma criança, incitarem-na a bater, deixarem-se eles mesmos bater e tirem dos golpes raios, sem pensar que cada um deles era um assassínio na intenção ou na intenção furtiva, e que aquele que quer bater quando jovem vai querer matar quando grande.

\*\* Eis por que a maioria das crianças quer reaver o que deu e chora quando não lhes querem devolver. Isso não acontecerá mais quando compreenderem bem o que é um dom; só que então elas serão mais circunspetças ao dar.

Mas eis que estávamos muito enganados. Ao ficar sabendo do que nos queixávamos, o jardineiro começa a se queixar mais alto do que nós. Como! Senhores, foste vós que estragastes minha obra. Eu havia semeado ali alguns melões de Malta cuja semente me fora dada como um tesouro e com os quais queria presentear-vos quando estivessem maduros; mas eis que, para plantar ali vossas miseráveis favas, destruístes meus melões já todos germinados, que não substituirei nunca. Causastes-me um dano irreparável, e vos privastes do prazer de comer melões finíssimos.

*Jean-Jacques*

Desculpa-nos, meu pobre Robert. Puseste ali teu trabalho, teu esforço. Percebo que erramos ao estragar tua obra, mas te encomendaremos outras sementes de Malta e não trabalharemos na terra antes de saber se alguém não a lavrou antes de nós.

*Robert*

Oh, meus senhores, podeis ficar descansados, pois há muito poucas terras baldias. Eu trabalho a que meu pai benfiteiou. Cada qual, por sua vez, faz a mesma coisa e todas as terras que vedes estão ocupadas há muito tempo.

*Emílio*

Senhor Robert, então é frequente se perder a semente do melão?

*Robert*

Desculpa, meu menino, pois não é sempre que encontramos senhorezinhos tão avoados como tu. Ninguém toca no jardim do vizinho; cada qual respeita o trabalho do outro, para que o seu fique em segurança.

*Emílio*

Mas eu não tenho jardim.

*Robert*

Que me importa? Se estragares o meu, não te deixarei mais passar por ele, pois não quero perder o meu trabalho.

*Jean-Jacques*

Não poderíamos propor um acordo para o bom Robert? Que ele nos ceda, a meu amiguinho e a mim, um canto do seu jardim para cultivá-lo, com a condição de receber metade do produto.

*Robert*

Eu o cedo sem condição. Mas lembrai-vos de que irei lavar vossas favas, se tocardes em meu melões.

Neste ensaio da maneira de inculcar nas crianças as noções primitivas, vemos como a ideia da propriedade remonta naturalmente ao direito do primeiro ocupante pelo trabalho. Isso é claro, limpo, simples e está sempre ao alcance da criança. Daí até o direito de propriedade e as trocas não é mais que um passo, depois do qual devemos simplesmente nos deter.

Vemos também que uma explicação que aqui coloco em duas páginas de escrita talvez seja, na prática, um trabalho de um ano, pois, no curso das ideias morais, nunca podemos avançar com demasiada vagar, nem nos firmar bem demais em cada passo. Jovens mestres, peço-vos que pensais nesse exemplo e vos lembreis de que em todas as coisas vossas lições devem consistir mais em atos do que em palavras, pois as crianças facilmente se esquecem do que disseram e do que lhes fizemos.

Tais instruções devem ser dadas, como disse, mais cedo ou mais tarde, conforme o caráter tranqüilo ou turbulento do aluno acelere ou retarde a necessidade; sua utilidade é de uma evidência claríssima, mas, para nada omitir de importante quanto às coisas difíceis, aí vai mais um exemplo.

Vosso filho discolora estraga tudo o que pega. Não vos aborregais. Ponde fora de seu alcance o que ele puder estragar. Ele quebra os móveis que usa; não vos apresseis em lhe dar outros, deixai que sinta o prejuízo da privação. Ele quebra as janelas de seu quarto; deixai que o vento sopra

deve ser assim, pois, numa idade em que o homem ainda não tem nenhuma verdadeira idéia, toda a diferença entre quem tem gênio e quem não o tem é que o último só admite idéias falsas, ao passo que o primeiro, só encontrando idéias falsas, não admite nenhuma; ele se parece, portanto, com o estúpido na medida em que um não é capaz de nada e ao outro nada convém. O único sinal que pode distinguirlos depende do acaso, que pode oferecer ao último alguma idéia ao seu alcance, ao passo que o primeiro é sempre o mesmo em toda parte. O jovem Cato, durante a infância, parecia um imbecil dentro de casa. Era taciturno e teimoso, eis o que pensavam dele. Foi somente na antecâmara de Sila que seu tio aprendeu a conhecê-lo. Se não tivesse entrado naquela antecâmara, talvez fosse considerado um bruto até a idade da razão. Se César não tivesse vivido, talvez sempre se tivesse considerado esse mesmo Cato como um visionário, ele que compreendeu seu funesto gênio e previu todos os seus projetos de tão longe. Como os que julgam tão precipitadamente as crianças estão sujeitos ao engano! Não raro são mais crianças do que elas. Eu vi, numa idade bastante avançada, um homem que me honrava com sua amizade passar em sua família e entre os amigos por um espírito limitado; aquela excelente cabeça amadurecia em silêncio. De repente, ele se revelou filósofo, e não tenho dúvidas de que a posteridade lhe assinalará um lugar honrado e distinto entre os melhores pensadores e os mais profundos metafísicos de seu século.

Respeitar a infância e não vos apresséis em julgá-la, quer para bem, quer para mal. Deixai as exceções se revelarem, se provarem, se confirmarem muito tempo antes de adotar para elas métodos particulares. Deixai a natureza agir bastante tempo antes de resolver agir em seu lugar, temendo contrariar suas operações. Dizeis que conheceis o valor do tempo e não quereis perdê-lo. Não vedes que o perdeis muito mais empregando-o mal do que não fazendo nada, e que uma criança mal instruída está mais distante da sabedoria do que aquela que não foi absolutamente instruída. Ficai alarmados por vê-la consumir seus primeiros anos sem na-

da fazer. Como! Não é nada ser feliz? Não é nada saltar, brincar, correr o dia todo? Em toda a sua vida, nunca está tão tão ocupada. Platão, em sua *Republica*, considerada tão austera, só educa as crianças em festas, jogos, canções, paratempos; dir-se-ia que ele terminou quando lhes ensinou a se divertirem bem, e Sêneca, falando da antiga juventude romana, disse: ela estava sempre de pé; não lhe ensinavam nada que ela devesse aprender sentada. Teria por isso valido menos, quando chegou à idade viril? Não admiréis muito, portanto, essa pretensa ociosidade. Que diríeis de um homem que, para aproveitar toda a vida, não quisesse dormir nunca? Diríeis: este homem é louco; não destruíra o tempo, mas perde-o; para fugir do sono, corre para a morte. Considerai, pois, que neste caso ocorre a mesma coisa, e a infância é o sono da razão.

A aparente facilidade para aprender é causa da perda das crianças. Não vemos que essa mesma facilidade é a prova de que elas não aprendem nada. Seu cérebro liso e polido reflete como um espelho os objetos que lhes apresentam, mas, nada fica, nada o penetra. A criança retém as palavras, as idéias são refletidas; aqueles que a escutam entendem-na, só ela não as entende.

Embora a memória e o raciocínio sejam duas faculdades essencialmente diferentes, uma não se desenvolve realmente sem a outra. Antes da idade da razão, a criança não recebe idéias, apenas imagens, e a diferença entre umas e outras é que as imagens são apenas pinturas absolutas dos objetos sensíveis, e as idéias são noções dos objetos determinadas por relações. Uma imagem pode estar sozinha no espírito que a imagina, mas toda idéia supõe outras idéias. Quando imaginamos, não fazemos nada além de ver; quando concebemos, comparamos. Nossas sensações são meramente passivas, ao passo que todas as nossas percepções ou idéias nascem de um princípio ativo que julga. Isso será demonstrado em seguida.

Afirmo pois que, não sendo capazes de julgamento, as crianças não têm verdadeira memória. Retêm sons, figuras, sensações, raramente idéias, e ainda mais raramente as liga-



tas, palavras estas que, dirigidas a seres carentes de toda pre-  
vidência, não significam absolutamente nada para elles. Ora,  
todos os estudos forçados desses pobres infelizes tendem  
a esses objectos inteiramente alheios a seus espiritos. Imagi-  
nai a atengão que lhes podem prestar.

Os pedagogos que nos exhibem com grande pompa as  
lições que dão a seus discipulos são pagos para dizerem ou-  
tras coisas; no entanto, vemos pela sua própria conduta que  
pensam exatadamente como eu. Pois o que lhes ensinam, ati-  
nall? Palavras, mais palavras, sempre palavras. Dentre as di-  
versas ciências que se vangloriam de lhes ensinar, evitam  
escolher as que seriam realmente úteis para as crianças, por-  
que seriam ciências de coisas e as crianças não se dariam  
bem. No entanto, escolhem as ciências que parecemos sa-  
ber quando sabemos os seus termos: a heráldica, a geogra-  
fia, a cronologia, as línguas, etc., todos estudos tão distan-  
tes do homem, e sobretudo da criança, que será uma mara-  
vilha se algo de tudo isso lhe puder ser útil uma só vez em  
sua vida.

Ficareis surpresos que eu conte o estudo das línguas en-  
tre as inutilidades da educação, mas lembrai-vos de que es-  
tou falando aqui apenas dos estudos da primeira idade e,  
diga-se o que for, não acredito que até a idade de doze ou  
quinze anos alguma criança, com excepção dos prodígios, te-  
nha realmente aprendido duas línguas.

Concordo que, se o estudo das línguas não fosse o das  
palavras, isto é, das figuras ou dos sons que as exprimem,  
esse estudo poderia convir ás crianças; mas as línguas, mu-  
dando os signos, modificam também as idéias que elles re-  
presentam. As cabeças formam-se sobre as língagens, os  
pensamentos tomam o aspecto dos idiomas. Só a razão é  
comum, o espirito em cada língua tem sua forma particu-  
lar, differença esta que bem poderia ser em parte a causa ou  
o effeito dos temperamentos nacionais, e o que parece con-  
firmar esta conjectura é que em todas as nações do mundo  
a língua segue as vicissitudes dos costumes e se altera ou  
se conserva como eles.

gões entre ellas. Ao me objectarem que ellas aprendem alguns  
elementos de geometria, creem estabelecer uma prova con-  
tra mim e, pelo contrario, é para mim que estabelecem es-  
sa prova; demonstram que, longe de sabermos raciocinar por  
si mesmas, ellas não sabem nem reter os raciocínios de ou-  
tra pessoa, pois, se seguirdes o método desses pequenos geô-  
metras, logo veréis que retiveram apenas a exata impressão  
de figura e os termos da demonstração. A menor objectão  
nova, ellas não comprehendem mais; inverti a figura, ellas  
não comprehendem mais. Todo o seu saber está na sensa-  
ção, nada passou para o entendimento. Sua própria memo-  
ria é pouca coisa mais perfeita que suas outras faculdades,  
já que quase sempre é preciso que reaprendam, ao cresce-  
rem, as coisas cujos nomes aprenderam durante a infância.

No entanto, estou muito distante de achar que as crian-  
ças não tenham nenhuma especie de raciocínio\*. Pelo con-  
trário, vejo que raciocinam muito bem em tudo o que co-  
nhecem e que se relacione com seu interesse presente e sen-  
sível. E, porém, sobre seus conhecimentos que nos engana-  
mos, ao lhes attribuirmos os que ellas não têm e fazendo-as  
raciocinar sobre o que não são capazes de comprehendêr.  
Enganamo-nos ainda ao querer torná-las atentas a conside-  
rações que não lhes dizem respeito de maneira nenhuma,  
como a de seu interesse futuro, de sua felicidade quando  
homens, da estima que se terá por ellas quando forem adu-

\* Ao escrever, fiz com vezes a reflexão de que é impossível numa obra longa  
dar sempre os mesmos sentidos ás mesmas palavras. Não existe língua bastante rica  
para fornecer tantos termos, expressões e frases quantas são as modificações que nossas  
idéias podem ter. O método de definir todos os termos e de substituir sem parar  
o definido pela definição é bello, mas impraticavel, pois como evitar o circulo? As  
definições poderiam ser boas se não empregássemos palavras para fazê-las. Apesar  
disso, estou convencido de que podemos ser claros mesmo na pobreza de nossa lin-  
gua, não dando sempre as mesmas accepções ás mesmas palavras, mas sim agindo de  
tal sorte que, toda vez que se emprega uma palavra, a accepção que lhe damos esteja  
sufficientemente determinada pelas idéias que se relacionam com ella, e que cada pe-  
rdo em que essa palavra se encontrar, he siva, por assim dizer, de definição. Ora  
finura. Não creio contradizer-me nisso nas idéias, mas não posso deixar de concor-  
dar que não raro me contradiga em minhas expressões.

Transjamos, senhor de La Fontaine. Prometo, de minha parte, que vos lerei com discernimento, que vos amarei, que me instruirei com vossas fábulas, pois espero não me enganar sobre seu objeto; mas, quanto ao meu aluno, permiti que não o deixe estudar nenhuma de vossas fábulas, até que me houverdes provado que é bom para aprender coisas de que não compreenderá nem um quarto, e que, naquelas que puder compreender, nunca se enganará e não imitará o malandro em lugar de se corrigir com o pateta. Suprimindo assim todos os deveres das crianças, suprimo os instrumentos de sua maior miséria, os livros. A leitura é o flagelo da infância, e é quase a única ocupação que lhes sabem dar. Assim que completar doze anos, Emílio saberá o que é um livro. Mas pelo menos, dirão, é preciso que ele saiba ler. Concorde, é preciso que ele saiba ler quando a leitura lhe for útil; até então, só servirá para aborrecê-lo. Se não devemos exigir nada das crianças por obediência, segue-se que elas não podem aprender nada de que não sintam a vantagem atual e presente, tanto para a diversão quanto para a utilidade; caso contrário, que motivo as levará a aprender? A arte de falar com os ausentes e de ouvir, arte de lhes comunicar à distância, sem mediador, os nossos sentimentos, as nossas vontades, os nossos desejos, é uma arte cuja utilidade pode ser mostrada a todas as idades. Através de que prodígio essa arte tão útil e tão agradável transformou-se num tormento para a infância? Porque a forçaram a se aplicar nisso contra a vontade, e a utilizam de um modo tal que ela nada compreende. Uma criança não tem muita curiosidade de apertear o instrumento com o qual a torturam, mas fazê-lo com esse instrumento sirva aos seus prazeres e logo ela se aplicará a ele apesar de vós.

Tem-se muito trabalho para buscar os melhores métodos de ensinar a ler; inventam-se escriturinhas, mapas; faz-se do quarto da criança uma oficina gráfica. Locke pretende que a criança aprenda a ler com os dados. Não é uma invenção bem pensada? Que penal Um meio mais seguro

lhor papel; é a escolha do amor-próprio, uma escolha muito natural. Ora, que horrível ligação para a infância! O mais odioso de todos os monstros seria uma criança avara e dura, capaz de saber o que lhe pedem e o que recusa. A fábula vai ainda mais longe, já que ensina a zombar enganando a recusa.

Em todas as fábulas em que o leão é um dos personagens, como geralmente é o mais brilhante, a criança não deixa de se fazer de leão e, quando preside a alguma partilha, bem instruída por seu modelo, tem muito cuidado para se apoderar de tudo. Mas, quando o mosquito abate o leão, a coisa é diferente: a criança já não é o leão, e sim o mosquito. Aprende a um dia matar a golpes de ferrão aqueles que não ousaria atacar de pé firme.

Na fábula do lobo magro e do cão gordo, em vez da ligação de moderação que se pretende dar, ela toma uma aula de licença. Nunca esquecerei ter visto chorar muito uma menina que haviam desolado com essa fábula, ao mesmo tempo que continuavam a lhe pregar a docilidade. Foi difícil saber a causa daquela choradeira, mas acabaram conseguindo. A pobre criança estava aborrecida por estar acorrentada, e sentia o pescoço em carne viva; chorava por não ser lobo.

Assim, pois, a moral da primeira fábula citada é uma ligação da mais baixa adulação; a da segunda, uma ligação de desumanidade; a da terceira, uma ligação de injustiça; a da quarta, uma ligação de sátira; a da quinta, uma ligação de independência. Esta última ligação, por ser supérflua para meu aluno, não deixa de ser inconveniente para os vossos. Quantos desses dais precetos que se contradizem, que fructo esperais de vosso trabalho? Mas talvez, com excepção disso, toda essa moral que me serve de objecto contra as fábulas fornege outras tantas razões para conservá-las. É preciso uma moral nas palavras e uma moral em acções na sociedade, e essas duas morais não se assemelham. A primeira está no catecismo, onde a deixam; a outra está nas fábulas de La Fontaine, para as crianças, e em seus contos, para as mães.

O mesmo autor basta para tudo.







lhasse a atençaõ que o objeto merece. Assim, cada um de nós aspira à honra da moldura simples, e, quando um quer fazer pouco de um desenho do outro, condena-o à moldura dourada. Alguem dia talvez esses quadros admiráveis tornem-se entre nós como provérbios, e ficaremos admirados com a quantidade de homens que fazem justiça a si mesmos ao se enquadram assim.

Eu disse que a geometria não estava ao alcance das crianças, mas é culpa nossa. Não percebemos que o método das crianças não é o nosso, e o que para nós é a arte de raciocinar deve ser para elas apenas a arte de ver. Em vez de lhes dar nosso método, agitamos melhor adotando o delas, pois nossa maneira de ensinar geometria é tanto um assunto de imaginação quanto de raciocínio. Quando a proposição é enunciada, é preciso imaginar a sua demonstração, isto é, descobrir de que proposição já conhecida a outra deve ser consequência e, de todas as consequências que podem ser tiradas dessa mesma proposição, escolher exatamente aquella de que se trata.

Dessa maneira, o raciocinador mais exato, se não for inventivo, não irá muito longe. Assim, o que acontece depois? Em vez de nos fazerem descobrir as demonstrações, elas nos são dadas; em vez de nos ensinar a raciocinar, o professor raciocina por nós e só exercita a nossa memória.

Fazei figuras exatas, combinai-as, colocai-as umas sobre as outras, examinaí suas relações; encontreis toda a geometria elementar indo de observação em observação, sem que se trate de definições, nem de problemas, nem de qual-quer outra forma demonstrativa a não ser a simples super-posição. De minha parte, não pretendo ensinar geometria a Emílio, será ele quem ma ensinará; procurarei relações e ele as encontrará, pois eu procurarei de tal maneira que ele as encontre. Por exemplo, em lugar de me servir de um compasso para traçar um círculo, traça-lo-ei com uma ponta amarrada a um fio que gira sobre um eixo. Assim, quando eu quiser comparar os raios entre si, Emílio zombará de mim e me fará compreender que o mesmo fio sempre esticado não pode ter traçado distâncias diferentes.

Se pretendo medir um ângulo de sessenta graus, desprevo do vértice desse ângulo, não um arco, mas um círculo inteiro, pois com as criangas nunca devemos deixar nada subentendido. Descubro que a parte do círculo compreendida entre os dois lados do ângulo é a sexta parte do círculo. Depois disso, desprevo do mesmo vértice um outro círculo maior, e vejo que esse segundo arco também é a sexta parte de seu círculo. Descrevo um terceiro círculo concêntrico, sobre o qual faço a mesma coisa, e continuo fazendo novos círculos, até que Emílio, chocado com minha estupidéz, faça-me observar que cada arco, grande ou pequeno, compreendido pelo mesmo ângulo, será sempre a sexta parte de seu círculo, etc. E há pouco estávamos usando o transferidor!

Para provar que os ângulos adjacentes são iguais a dois retos, descrevemos um círculo; eu, pelo contrário, faço com que Emílio observe isso primeiro no círculo, e depois lhe digo: Se suprimissemos o círculo e as linhas retas, será que os ângulos mudariam de grandezza?, etc.

Desdenhamos a exatidão das figuras, supomo-la e nos prendemos à demonstração. Entre nós, pelo contrário, nunca se tratará de demonstração. Nosso trabalho mais importante será traçar linhas bem retas, bem exatas, bem iguais, fazer um quadrado bastante perfeito, traçar um círculo bem redondo. Para verificar a exatidão da figura, examina-la-emos através de todas as suas propriedades sensíveis, e isto nos permitirá descobrir a cada dia novas propriedades. Dobra-remos pelo diâmetro os dois semicírculos; pela diagonal, as duas metades do quadrado; compararemos as nossas duas figuras para ver qual delas tem as bordas que concordam mais exatamente e, consequentemente, é a mais bem feita; discutiremos se tal igualdade de divisão deve continuar ocorrendo nos paralelogramas, nos trapézios, etc. Tentaremos algumas vezes prever o resultado da experiência antes de fazê-la; procuraremos achar razões, etc.

Para meu aluno, a geometria é apenas a arte de bem servir-se da régua e do compasso. Não deve confundir-la com

de de transformar outras substâncias na nossa própria, a escolha não é indiferente; nem tudo é alimento para o homem, e, das substâncias que podem sê-lo, há aquelas que são mais ou menos convenientes, conforme a constituição de sua espécie, conforme o clima em que habite, conforme seu temperamento particular e conforme a maneira de viver que sua condição lhe prescreva.

Morreríamos de fome ou envenenados se fosse preciso esperar, para escolher os alimentos que nos convêm, que a experiência nos tivesse ensinado a conhecê-los e a escolhê-los. A suprema bondade, porém, que fez do prazer dos seres sensíveis o instrumento de sua conservação, advertite-nos, através do que agrada ao nosso paladar, sobre o que convêm ao estômago. Naturalmente, não há para o homem modo mais seguro do que seu próprio apetite, e, tomando-o em seu estado primitivo, não tenho dúvida de que os alimentos que achava mais agradáveis eram também os mais saudáveis para ele.

Há mais. O autor das coisas não provê apenas as necessidades que nos dá, mas também aquelas que nós próprios nos damos, e é para que nosso desejo esteja sempre ao lado de nossa necessidade que ele faz com que nossos gostos mudem e se alterem com as maneiras de viver. Quanto mais nos afastamos do estado de natureza, mais perdemos de nossos gostos naturais, ou antes, o hábito forma para nós uma segunda natureza, que substituímos de tal modo à primeira, que ninguém de nós conhece mais essa primeira. Segue-se daí que os gostos mais naturais devem ser também os mais simples, pois são aqueles que se transformam mais facilmente, ao passo que, ao se aguçarem, ao se irritarem com nossas fantasias, elles assumem uma forma que não muda mais. O homem que ainda não é de nenhum país adaptar-se a sem dificuldades aos costumes de qualquer país, mas o homem de um país não mais se torna o de um outro país. Isso me parece verdadeiro em todos os sentidos, e mais ainda quando applicado ao gosto propriamente dito. Nosso

do e C são sempre a mesma coisa, o que não é nem de dever, pois então para que serviria C? Assim, a maneira de solfejarem é de uma dificuldade excessiva, sem ser de nenhuma utilidade, sem trazer nenhuma idéa clara ao espirito, já que, por esse método, as duas sílabas *do e mi*, por exemplo, podem igualmente significar uma terça maior, menor, supérflua ou diminuída. Por que estranha fatalidade o país do mundo onde se escrevem os mais belos livros sobre a música é precisamente aquele em que a aprendemos com maior dificuldade?

Adoemos com nosso aluno uma prática mais simples e mais clara; que elle só tenha para si dois modos, cujas relações sejam sempre as mesmas e sempre indicadas pelas mesmas sílabas. Quer cantando, quer tocando um instrumento, que elle saiba estabellecer seu modo em cada um dos doze tons que lhe podem servir de base e que, quer se module em D, em C, em G, etc., o final seja sempre *la* ou *do*, conforme o modo. Dessa maneira, elle sempre vos compreenderá; as relações essenciais do modo para cantar e tocar estarão sempre presentes em seu espirito, sua execução será mais clara e seu progresso mais rápido. Não há nada mais esquisito do que aquillo que os francezes chamam de solfejar ao natural; isso equivale a afastar as idéias da coisa para substituí-las por idéias alheias que só confundem. Nada é mais natural do que solfejar por transposição, quando o modo é transposto. Mas basta quanto à musica; ensinai-a como quizerdes, contanto que sempre seja apenas uma diversão.

Estes bem informados acerca do estado dos corpos alheios com relação ao nosso, de seu peso, de sua figura, de sua cor, de sua solidez, de sua grandeza, de sua distância, de sua temperatura, de seu repouso e de seu movimento. Estamos instruídos sobre aqueles que convêm aproximado ou afastar de nós, sobre a maneira como nos devemos portar para vencer sua resistência, ou para lhes oppor uma resistência que nos preserve de sermos offendidos, mas não é o bastante; nosso próprio corpo esgota-se sem cessar, precisa ser renovado sem cessar. Embora tenhamos a faculda-

seu aspecto. Vendo assim renascer a natureza, nós mesmos sentimos reanimar; a imagem do prazer rodeta-nos; aquelas companheiras da volúpia, as doces lágrimas sempre prontas a se juntar a todo sentimento delicioso, já estão às bordas de nossas pálpebras, mas o aspecto das vindimas, por mais que seja animado, vivo e agradável, sempre o vemos com os olhos secos.

Por que essa diferença? E que, ao espetáculo da primavera, a imaginação soma o das estações que se lhe devem seguir; aos tenros brotos que o olho percebe, ela acrescenta as flores, os frutos, as sombras das folhagens e às vezes os mistérios que elas possam esconder. Ela reúne num só ponto tempos que se devem suceder, e vê os objetos menos como serão do que como os deseja, porque depende dela escolhê-los. No outono, pelo contrário, só temos para ver o que existe. Se quisermos chegar à primavera, o inverno nos detém, e a imaginação enregelada expira sobre a neve e a geadada.

Essa é a fonte do encanto que experimentamos na contemplação de uma bela infância, de preferência a perfeição da maturidade. Quando experimentamos um real prazer ao ver um adulto? Quando a memória de suas ações faz-nos recuar em sua vida e o rejuvenesce, por assim dizer, aos nossos olhos. Se somos reduzidos a considerá-lo tal como é, ou a supô-lo tal como será na velhice, a ideia da natureza em declínio mata todo o nosso prazer, pois não há qual quer prazer em ver um homem avançar a passos largos rumo ao túmulo, e a imagem da morte enfia tudo.

Quando, porém, imaginamos uma criança de dez ou doze anos, sadia, forte, bem formada para a idade, ela não provoca em mim qualquer ideia que não seja agradável, quer para o presente, quer para o futuro; vejo-a ardente, viva, animada, sem preocupações, sem uma longa e penosa previdência, inteiramente entregue a seu ser actual, gozando de uma plenitude de vida que parece querer estender-se para fora dela. Prevejo-a em outra idade, exercitando o juízo, o espirito e as forças que nela se desenvolvem todos os dias,

Resta-me falar nos livros seguintes da cultura de uma espécie de sexto sentido, chamado senso comum, menos por ser comum a todos os homens do que por resultar do uso bem regrado dos outros sentidos, e por nos instruir a respeito da natureza das coisas com o auxílio de todas as suas

aparências. Esse sexto sentido, por conseguinte, não tem órgão particular; reside apenas no cérebro, e suas sensações, puramente internas, chamam-se percepções ou ideias. A extensão de nossos conhecimentos mede-se pelo número dessas ideias, e é sua nitidez, sua clareza que faz a justeza do espírito; é a arte de compará-las entre si que chamamos razão humana. Assim, o que eu chamava de razão sensitiva ou pueril consiste em formar ideias simples com o auxílio de várias sensações, e o que chamo de razão intelectual ou humana consiste em formar ideias complexas com o auxílio de várias ideias simples.

Supondo, pois, que meu método seja o da natureza e que não me tenha enganado em sua aplicação, levamos nosso aluno pelo país das sensações até as fronteiras da razão pueril; o primeiro passo que daremos adiante deve ser um passo de homem. Mas, antes de entrar nesta nova vertente, contemplaremos um pouco o que acabamos de percorrer. Cada idade, cada estado da vida tem sua perfeição conveniente, o tipo de maturidade que lhe é própria. Ouvimos falar muitas vezes de um homem feito, mas consideremos uma criança feita: o espectáculo será mais novo para nós, e talvez não venha a ser menos agradável.

A existência dos seres finitos é tão pobre e limitada que, quando só enxergamos o que existe, nunca nos comovemos. As quimeras enfeitam os objetos reais e, se a imaginação não soma algum encanto ao que nos impressiona, o estéril prazer que então recebemos limita-se ao órgão e sempre deixa frio o coração. Ornada com os ressonos do outono, a terra ostenta uma riqueza que o olho admira; no entanto, tal admiração não é comovente, e vem mais da reflexão do que do sentimento. Na primavera, o campo quase nu ainda não se cobriu de nada, os bosques não oferecem sombra alguma, a verdura apenas desponta e o coração é tocado por





idade? Tentará empregá-lo em trabalhos que lhe possam ser proveitosos quando preciso. Por assim dizer, lançará para o futuro o superfluo de seu ser atual; a criação robusta fará provisões para o adulto iraco, mas não fará seus depósitos nem em cofres que lhe podem ser roubados, nem em celeiros que não são seus; para se apropriar realmente de sua aquisição, armazená-la-á em seus braços e em sua cabeça. E, portanto, o tempo dos trabalhos, da instrução, dos estudos; observai que não sou eu quem faz arbitrariamente essa escolha, mas é a própria natureza quem a indica.

A inteligência humana tem seus limites. Não somente um homem não pode saber tudo, como nem pode saber completamente o pouco que sabem os outros homens. Já que a contraditória de cada proposição falsa é uma verdade, o número das verdades é inesgotável, assim como o dos erros. Há, portanto, uma escolha das coisas que devemos ensinar, assim como do tempo próprio para ensiná-las. Dos conhecimentos que estão ao nosso alcance, uns são falsos, outros são inúteis e outros servem para alimentar o orgulho de nosso bem-estar. Os poucos que realmente contribuem para o nosso bem-estar são os únicos dignos das pesquisas de um homem sábio e, portanto, de uma criação que queríamos tornar sábia. Não se trata de saber o que existe, mas apenas o que é útil.

Desses poucos conhecimentos, devemos ainda suprimir as verdades que para serem compreendidas requerem um entendimento já inteiramente formado, as que supõem o conhecimento das relações do homem que uma criação não pode adquirir e as que, embora verdadeiras em si mesmas, dispõem uma alma inexperiente a pensar de modo falso sobre outros assuntos.

Eis-nos reduzidos a um círculo bem pequeno relativamente à existência das coisas; mas como esse círculo ainda forma uma esfera imensa para a medida do espírito de uma criação! Tereis do entendimento humano, que não temeria abrir-se por nossas vãs ciências ao redor desse jovem de-

nenhuma necessidade imaginária a atormenta; nada pode sobre ela a opinião; seus desejos não vão mais longe do que seus braços; não apenas pode bastar a si mesma como também tem mais forças do que precisa; é o único tempo de sua vida em que isso acontecerá.

Prevejo a objeção. Não dirão que a criação tem mais necessidades do que as que lhe concedo, mas negarão que tenha a força que lhe atribuo; não se darão conta de que falo de meu aluno, e não dessas boncas ambulantes que viajam de um quarto para o outro, que lavram dentro de um caixote e carregam fardos de papelão. Dir-me-ão que a força viril só se manifesta com a virilidade, que os espíritos vitais, elaborados em vasos adequados e espalhados por todo o corpo, são os únicos que podem dar aos músculos a consistência, a atividade, o tom, a mola de que resulta uma verdadeira força. Eis a filosofia de gabinete; eu, porém, recorro à experiência. Vejo em nossos campos jovens que lavram, binam, seguram o arado, enchem um tonel de vinho, guiam um carro como seus pais; considerá-los-tamos adultos, se o som de suas vozes não os traísse. Em nossas próprias cidades, jovens trabalhadores, ferreiros, couteleiros, ferradores, são quase tão robustos quanto os mestres, e seriam pouco menos hábeis se os tivéssemos treinado a tempo. Se há diferença, e concordo que há, ela é muito menor, repito, do que a que existe entre os desejos fogosos de um homem e os desejos limitados de uma criação. De resto, não estamos falando aqui apenas de forças físicas, mas sobretudo da força e da capacidade do espírito que as completam ou as dirigem.

Esse intervalo em que o indivíduo pode mais do que deseja, embora não seja o período de sua maior força absoluta, é, como já disse, o de sua maior força relativa. E o tempo mais precioso da vida, tempo que só aparece uma vez; tempo muito curto e, por ser tão curto, como vemos a seguir, é importante que seja bem empregado.

Assim, que fará ele desse excedente de faculdades e de forças que tem a mais agora, e que lhe fará falta em outra

safortunado! O tu que vais guiá-lo por essas perigosas trilhas e estender diante de seus olhos a cortina sagrada da natureza, tremel! Primeiro assegura-te bem de sua cabeça e da tua, teme que uma ou outra se confunda, ou talvez as duas. Teme a especiosa atração da mentira e os embriagantes vapores do orgulho. Lembra, lembra sempre que a ignorância jamais causou mal, que só o erro é funesto e que não nos perdemos por não sabermos, mas por cremos saber. Seus progressos na geometria poderiam servir-vos de prova e de medida certa para o desenvolvimento de sua inteligência; mas, assim que ele conssegue distinguir o que é útil do que não é, importa usar de muita cautela e de arte para conduzi-lo aos estudos especulativos. Por exemplo, se quereis que ele busque uma média proporcional entre duas linhas, começai por agir de tal modo que ele sinta necessidade de achar um quadrado igual a um retângulo dado; se se tratasse de duas médias proporcionais, seria preciso permitir tornar interessante para ele o problema de duplicação do cubo, etc. Vede como nos aproximamos aos poucos das noções morais que distinguem o bem e o mal. Até agora não conhecemos outra lei que não a da necessidade; agora depararmos-nos com o que é útil; logo chegaremos ao que é conveniente e bom.

O mesmo instinto anima as diversas faculdades do homem. A atividade do corpo, que procura desenvolver-se, segue-se a atividade do espírito, que procura instruir-se. No começo, as crianças são apenas irrequietas, depois tornam-se curiosas; e essa curiosidade, quando bem dirigida, é o motivo da idade a que chegamos. Distingamos sempre as inclinações que vêm da natureza daquelas que vêm da opinião. Existe um ardor de saber que só se baseia no desejo de ser considerado instruído; existe outro que nasce de uma curiosidade natural ao homem por tudo o que pode dizer-lhe respeito de perto ou de longe. O desejo inato do bem-estar e a impossibilidade de satisfazer plenamente tal desejo fabricam para isso. Este é o primeiro princípio da curiosidade

de, princípio natural ao coração humano, mas cujo desenvolvimento só se faz proporcionalmente a nossas paixões e a nossas luzes. Suponde um filósofo relegado a uma ilha deserta com alguns instrumentos e alguns livros, certo de passar nela, sozinho, o resto de seus dias. Ele já não se preocupará com o sistema do mundo, com as leis da atração e do cálculo diferencial; talvez durante toda a vida não abra um único livro, mas nunca deixará de visitar sua ilha até o último recanto, por maior que ela seja. Suprimamos, pois, de nossos primeiros estudos também os conhecimentos cujo gosto não é natural ao homem, e limitemo-nos àqueles que o instinto nos leva a procurar.

A ilha do gênero humano é a terra; o objeto mais imprecionante para os nossos olhos é o sol. Assim que começamos a nos afastar de nós, nossas primeiras observações devem recair sobre uma ou outro. Assim, a filosofia de quase todos os povos selvagens trata unicamente de imaginárias divisões da terra e da divindade do sol.

Que desvio, dirão talvez. Há pouco estávamos ocupados com o que nos toca, com o que nos cerca imediatamente; de repente eis-nos a percorrer o globo e a saltar até as extremidades do universo! Esse desvio é o efeito do progresso de nossas forças e da inclinação de nosso espírito. No estado de fraqueza e de insuficiência, o cuidado com a nossa conservação concentra-nos dentro de nós mesmos; no estado de potência e de força, o desejo de ampliar nosso ser leva-nos além e faz com que nos arremessemos tão longe quanto possível. Porém, como o mundo intelectual ainda nos é desconhecido, o pensamento não vai mais longe do que os olhos, e o entendimento só se amplia com o espaço que mede. Transformemos nossas sensações em idéias, mas não saltemos de repente dos objetos sensíveis para os objetos intelectuais. E pelos primeiros que devemos chegar aos outros. Nas primeiras operações do espírito, sejam os sentidos sem-nenhuma instrução a não ser os fatos. A criança que lê não pensa, só lê; não se instrui, aprende palavras.

Tornai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza e logo o tornareis curioso; mas, para alimentar sua curiosidade, nunca vos apresséis em satisfazê-la. Colocai questões ao seu alcance e deixai que ele as resolva. Que nada ele saiba porque lho dissesse, mas porque ele próprio compreenda; não aprenda ele a ciência, mas a inventar. Se alguma vez substituirdes em seu espírito a razão pela autoridade, ele não raciocinará mais e não será mais do que o joguete da opinião dos outros.

Quereis ensinar geografia a essa criança, e lhe oferecereis globos, esteras, mapas; quantas máquinas! Por que todas essas representações? Por que não começais por lhe mostrar o próprio objeto, para que ela saiba pelo menos do que estas falando?

Uma bela tarde vamos passar num lugar favorável, onde de o horizonte bem descoberto deixa ver por inteiro o sol poente, e observamos os objetos que tornam reconhecível o lugar onde se põe. No dia seguinte, para respirar ar fresco, voltamos ao mesmo lugar antes que o sol se levante. Vemo-lo anunciar-se de longe pelos raios de fogo que lança à sua frente. O incêndio aumenta, o oriente parece todo em chamas; por seu fulgor esperamos o astro bastante tempo antes que ele se mostre; a cada instante acretitam-se vê-lo aparecer; vemo-lo, finalmente. Um ponto brilhante parte como um raio e imediatamente preenche todo o espaço; o véu das trevas apaga-se e cai. O homem reconhece seu lugar e o acha mais belo. A verdura durante a noite ganhou novo vigor; o dia nascente que a ilumina, os primeiros raios que a douram, revelam-na coberta de uma brilhante renda de orvalho, que reflete para os olhos a luz e as cores. Os passarinhos em coro reúnem-se e saudam unanimemente o pai da vida; nesse momento, nenhum deles se cala; seus gorjeios, ainda fracos, são mais lentos e mais doces do que no resto do dia, ressendo-se da languidez de um despertar tranquilo. O concurso de todos esses objetos dá ao sentido uma impressão de frescor que parece penetrar até a alma. E meia hora de encantamento a que nenhum homem

resiste; um espetáculo tão grande, tão bonito, tão delicioso não deixa ninguém indiferente.

Cheio de entusiasmo, o mestre quer comunicá-lo à criança; acretita emocioná-la fazendo-a prestar atenção às sensações com que ele próprio se emociona. Pura bobagem! E no coração do homem que está a vida do espetáculo da natureza; para enxergá-lo, é preciso senti-lo. A criança percebe os objetos, mas não pode perceber as relações que os ligam, não pode ouvir a doce harmonia de seu concerto. É preciso uma experiência que ela ainda não adquiriu, sentimentos que não expõem ao mesmo tempo de todas essas sensações. Se ela não percorreu por muito tempo planícies artidas, se areias ardentes não queimaram seus pés, se a reverberação sulfocante dos rochedos batidos pelo sol jamais a optimiu, como saboreará o ar fresco de uma bela manhã? Como o perfume das flores, o encanto da verdura, o vapor úmido do orvalho, os passos macios e mansos sobre a grama encantarão seus sentidos? Como lhe causará o canto dos passaros uma emoção de voluptua, se os acentos do amor e do prazer ainda lhe são desconhecidos? Com que transportes verá ele nascer um tão lindo dia, se a sua imaginação não sabe representar aqueles com que se pode preenchê-la? Enfim, como se enternecerá com a beleza do espetáculo da natureza se ignora que não cuidou de enfeitá-la?

Não digais à criança palavras que ela não possa entender. Nada de descrições, nada de eloquência, nada de figuras, nada de poesia. Não se trata agora de sentimento nem de gosto. Continuai a ser claro, simples e franco; não tardará o tempo de se adotar uma outra linguagem.

Educada no espírito de nossas máximas, habituada a tratar todos os seus instrumentos de si mesma e nunca recorrer a outra pessoa a não ser depois de ter reconhecido sua incapacidade, a cada novo objeto que vê, ela o examina bastante tempo sem dizer nada. E pensativa e não questionadora. Contentai-vos com lhe apresentar de modo correto os objetos; depois, quando virdes a sua curiosidade suficiente-

tiemente ocupada, dirigi-lhe alguma pergunta lacônica que a coloque no caminho da resposta.

Nessa ocasião, depois de ter bem contemplado com ela o sol nascente, depois de tê-la feito observar do mesmo lado as montanhas e os outros objetos vizinhos, depois de tê-la deixado falar à vontade sobre isso, conservei durante alguns momentos o silêncio, como um homem que medita, e depois lhe direi: Estava pensando que ontem à tarde o sol se pôs ali, e nasceu lá esta manhã. Como é que isso pode acontecer? Não cresceis mais nada; se ela vos fizer perguntas, não respondeis e falai de outra coisa. Deixai-a entregue a si mesma e podeis estar certo de que pensará a respeito.

Para que uma criança se acostume a estar atenta e seja bem receptiva a alguma verdade sensível, é preciso que essa verdade a inquiete durante alguns dias antes que a descubra. Se ela não a compreender suficientemente dessa maneira, há um meio de torná-la ainda mais sensível, e esse meio é inverter a questão. Se ela não sabe como o sol vai de seu poente ao seu nascente, sabe pelo menos como ele vai do nascente ao poente, já que seus olhos lhe ensinam isso. Esclarecei, portanto, a primeira questão pela segunda; ou vosso aluno é absolutamente estúpido, ou a analogia é clara demais para lhe poder escapar. Eis a sua primeira aula de cosmografia.

Como sempre procedemos lentamente, de idéias sensíveis a idéias sensíveis, como nos familiarizamos durante bastante tempo com ela antes de passar a uma outra e como, enfim, nunca forgamos nosso aluno a prestar atenção, há muita distância entre essa primeira aula e o conhecimento do curso do sol e da figura da terra. Como porém todos os movimentos aparentes dos corpos celestes se relacionam com o mesmo princípio, e a primeira observação leva a todas as outras, é preciso menos esforço, embora seja preciso mais tempo, para se chegar de uma revolução diurna ao cálculo dos eclipses do que para compreender bem o dia e a noite.

Já que o sol gira ao redor do mundo, ele descreve um círculo, e todo círculo deve ter um centro; isso já sabemos. Não se pode ver esse centro, pois ele está no coração da terra, mas podemos marcar na superfície dois pontos que correspondem a ele. Um espeto que passe pelos três pontos e se prolongue até o céu de ambos os lados será o eixo do mundo e do movimento diário do sol. Um pião redondo girando sobre a sua ponta representa o céu que gira sobre seu eixo; as duas pontas do pião são os dois polos; a criança terá vontade de conhecer um; eu lho mostrarei na cauda da Ursa Menor. Eis uma diversão para a noite; pouco a pouco nos familiarizamos com as estrelas e daí nasce o primeiro gosto por conhecer os planetas e observar as constelações.

Vimos o nascer do sol no dia de São João. Vamos também vê-lo nascer no Natal ou em algum outro belo dia de inverno, pois é sabido que não somos preguiçosos e para nós é uma brincadeira enfrentar o frio. Tenho o cuidado de fazer esta segunda observação no mesmo lugar em que fizemos a primeira, e, com alguma habilidade para ensinar a observação, um ou outro não deixará de exclamar: Oh! Que engraçado! O sol não nasce mais no mesmo lugar! Aqui existem, portanto, um oriente de inverno e um oriente de verão, etc... Jovem mestre, estais no caminho. Esses exemplos devem bastar-vos para ensinar com muita clareza a esfera, tomando o mundo como mundo e o sol como sol. Em geral, nunca substituais a coisa pelo signo, a não ser quando é impossível mostrá-la, pois o signo absorve a atenção da criança e faz com que esqueça a coisa representada.

A esfera armilar parece-me uma máquina mal feita e executada em más proporções. Aquela confusão de círculos e as figuras esquisitas que nela se assinalam dão-lhe um aspecto de coisa ininteligível que intimida o espírito das crianças. A terra é pequena demais, os círculos são grandes demais, numerosos demais; alguns, como os coluros, são

perfeitamente inúteis; cada círculo é maior do que a terra; a grossura do papel confere-lhes aspecto de solidez que faz com que sejam tomados por massas circulares realmente existentes, e, quando dissecadas a criação que esses círculos são imagens, ela não saberá o que vê e não entenderá mais nada. Nunca sabemos colocar-nos no lugar das crianças; não penetramos suas idéias, mas lhes emprestamos as nossas e, seguindo sempre os nossos raciocínios, junto com as cadeias de verdades acumulamos em suas cabeças apenas extrava-gâncias e erros.

Discute-se sobre a escolha entre a análise e a síntese para estudar as ciências; nem sempre há necessidade de se escolher. Algumas vezes podemos resolver e compor nas mesmas pesquisas, e guiar a criação pelo método informativo enquanto ela acredita que está apenas analisando. Enquanto, então, um e outro método ao mesmo tempo, eles serviriam de prova um para o outro. Partindo a um só tempo dos dois pontos opostos, sem pensar estar fazendo o mesmo caminho a criação ficaria surpresa ao se encontrar, e essa surpresa só poderia ser muito agradável. Eu gostaria, por exemplo, de tomar a geografia por esses dois pontos e juntar ao estudo das revoluções do globo a medida de suas partes, começando pelo lugar onde habitamos. Enquanto a criação estuda a esfera e assim se transporta até os céus, traze-la de volta à divisão da terra e mostrai-lhe primeiro sua própria morada.

Seus dois primeiros pontos de geografia serão a cidade onde mora e a casa de campo de seu pai; depois, os lugares intermediários, os rios dos arredores e finalmente o aspecto do sol e a maneira de se orientar. Esse é o ponto de encontro. Que ela faça por si mesma o mapa de tudo isso, mapa muito simples e formado inicialmente por dois pontos e objetos, aos quais ela acrescena pouco a pouco os outros, à medida que vai conhecendo ou avaliando suas distâncias e suas posições. Podéis agora ver a vantagem que lhe proporcionamos antecipadamente ao lhe colocar um compasso nos olhos.

Apesar disso, sem dúvida, será preciso guiá-la um pouco, mas muito pouco, sem que pareça. Se ela se enganar, deixai estar, não corrigis os seus erros, aguardai em silêncio que ela esteja em condições de enxergá-los e de corrigi-los por si mesma, ou, no máximo, numa ocasião favorável, empreendei alguma operação que faça com que ela os perceba. Se nunca se enganasse, não aprenderia tão bem. De resto, não se trata de saber exatamente a topografia do lugar, mas o meio de se instruir a respeito; pouco importa que ela tenha mapas na cabeça, contanto que compreenda bem o que representam e tenha uma idéia nítida sobre a arte de traçá-los. Podéis ver já a diferença que há entre o saber de vossos alunos e a ignorância do meu! Eles sabem os mapas e ele o faz. Eis alguns novos ensifes para o seu quarto.

Lembrai sempre que o espírito de minha educação não é ensinar a criação muitas coisas, mas não deixar jamais entrar em seu cérebro idéias que não sejam claras e justas. Mesmo que ela não saiba nada, pouco me importa, contanto que não se engane, e só coloco algumas verdades em sua cabeça para preservá-la dos erros que aprenderia em seu lugar. A razão é o juízo vêm lentamente, os preconceitos acorrem aos montes; é deles que é preciso protegê-la. Mas, se considerais a ciência em si mesma, entras num mar sem fundo, sem margens, cheio de recifes; jamais escapareis dele. Quando vejo um homem apaixonado pelos conhecimentos outros sem saber parar, é como se visse uma criança na praia tentar sem saber parar, e como se visse uma criança na praia colhendo conchinhas e começando por guardá-las; depois, tentada pelas outras mais que vê, deixá-las de lado, voltar a pegá-las, até que, esgotada pela multiplicação de conchas e já não sabendo o que escolher, acaba jogando tudo fora e voltando de mãos vazias.

Durante a primeira idade, o tempo era longo; procurávamos apenas perdê-lo, temendo empregá-lo mal. Agora sabemos exatamente o contrário, e não temos tempo suficiente para fazer tudo o que seria útil. Considerai que as

as inteligências. Tudo o que se relaciona com a ordem moral e com os costumes da sociedade não lhes deve ser apreendido tão cedo, pois não estão em condições de compreenderem o erro e a virtude das coisas que se aplicam a elas. E um erro não está em não ensinar a criança a ler e escrever, e sim em ensinar a ler e escrever sem que ela saiba qual é esse bem, e das quais coisas lhe garantimos que tirará grandes proveitos quando crescerem, sem que elas tenham nenhum interesse agora por esse pretenso proveito que não são capazes de compreender.

Não faça a criança nada sob palavra; nada é bom para ela, a não ser o que ela sente que é bom. Languendo-a sempre à frente de seu entendimento, acreditais usar de previdência, mas ela vos falta. Para dotá-la de alguns vãos instrumentos de que talvez não faça uso nunca, vós lhe subtrahis o mais universal instrumento do homem, que é o bom senso; vós a acostumais a sempre se deixar levar, a ser apenas uma máquina nas mãos de outra pessoa. Quereis que ela seja dócil quando pequena; é o mesmo que querer que ela seja credula e enganada quando grande. Dizeis-lhe sempre: *Tudo o que te peço é para o teu proveito, mas não tens condições de sabê-lo. A mim, o que importa que faças ou não o que existo? E só para ti mesmo que trabalhas.* Com todos esses belos discursos que agora lhe fazeis para torná-la sábia, preparais o sucesso das palavras que algum dia lhe dirá um visionário, um charlatão, um patife ou um louco qualquer para pegá-la em sua armadilha ou para fazer com que adore a sua loucura.

É importante que um adulto saiba muitas coisas cuja utilidade uma criança não é capaz de entender; mas será preciso e possível uma criança aprender tudo o que é importante que um adulto saiba? Procurai ensinar à criança tudo o que é útil para a sua idade e vereis que todo o seu tempo estará ocupado. Por que quereis, à custa dos estudos que lhe convêm hoje, que se ocupe com aqueles de uma idade que é tão pouco certo que ela alcance? Mas, direis, será tempo de aprender o que se deve saber quando chegar a hora de empregá-lo? Não sei; mas o que sei é que para mim é

impossível ensiná-lo mais cedo, pois nossos verdadeiros mestres são a experiência e o sentimento, e o homem só sente bem o que convém ao homem nas relações em que se acha. Uma criança sabe que deve tornar-se adulta, todas as idéias que pode ter sobre a condição de adulto são oportunidades de instrução para ela; porém, sobre as idéias dessa condição que não estão ao seu alcance, ela deve permanecer numa ignorância absoluta. Todo o meu livro não passa de uma prova continua desse princípio de educação.

Assim que chegamos a dar ao nosso aluno uma idéia da palavra *util*, temos mais um grande meio para educá-lo, pois essa palavra o impressiona muito, dado que tem para ele apenas um sentido relativo à sua idade e que ele vê claramente a sua relação com seu bem-estar atual. Vossas crianças não se impressionam com essa palavra porque não tiveram o cuidado de lhes dar uma idéia que esteja ao seu alcance e porque, outras pessoas sempre se encarregando de artumar o que lhes é útil, elas nunca precisam encarregar-se disso por si mesmas e não sabem o que seja utilidade. *Para que serve isto? Eis, doravante, a palavra sagrada, a palavra determinante entre ele e mim em todas as ações de nossa vida; eis a questão que de minha parte segue-se infalivelmente a todas as suas perguntas, e que serve de freio àquela amontoado de interrogações tolas e aborrecidas com que as crianças cansam sem cessar e sem resultados todos os que as cercam, mais para exercer sobre elles algum tipo de domínio do que para tirar algum proveito. A criança a quem, como sua mais importante lição, ensinamos a só querer saber coisas úteis interroga como Sócrates; não faz nenhuma pergunta sem dar a si mesma a razão que sabe que lhe pedirão antes de respondê-la.*

Vede que poderoso instrumento coloco entre vossas mãos para agir sobre vosso aluno. Não sabendo a razão de nada, ei-lo quase reduzido ao silêncio quando quizerdes; e vós, pelo contrário, que vantagem vossos conhecimentos e vossa experiência vos dão para lhe mostrar a utilidade de tudo o que lhe propondes! Pois, não vos enganais, fazer-

lhe essa pergunta é ensinar-lhe a fazê-la a vós por sua vez, e deveis estar certo de que, sobre tudo o que lhe propuserdes daí em diante, ele, seguindo vosso exemplo, não deixará de dizer: *Para que serve isto?*

Talvez seja essa a armadilha mais difícil de se evitar para um preceptor. Se, diante da pergunta da criança, procurando somente vos sairdes bem, lhe derdes uma única razão que ela não esteja em condições de entender, vendo que raciocinais com vossas idéias e não com as suas, ela acreditará que o que lhe dizeis seja bom para a vossa idade, e não para a sua; não confiará mais em vós, e tudo es-tará perdido. Mas onde está o professor que consente em ficar sem resposta e confessar os seus erros diante de seu aluno? Todos eles têm como lei não admitir nem mesmo os que têm; e eu, de minha parte, teria como lei admitir até os que não tivesse, se não pudesse collocar as minhas razões ao seu alcance; assim, a minha conduta, sempre clara em sua mente, nunca lhe será suspeita, e conservarei para mim mais crédito admitindo alguns erros do que eles, que escodem os seus.

Primeiramente, vede bem que raramente cabe a vós por por o que ele deve aprender; cabe a ele desejá-lo, procurá-lo, encontrá-lo; cabe a vós collocá-lo ao seu alcance, fazer habilmente nascer esse desejo e fornecer-lhe os meios de satisfazê-lo. Segue-se daí que vossas perguntas devem ser pouco frequentes, mas bem escolhidas; e, como ele terá mais perguntas a vos fazer do que vós a ele, estareis sempre menos a descoberto e mais vezes em condições de lhe dizer: *Em que isso que me perguntas é útil de se saber?*

Além disso, como é pouco importante isto ou aquilo, que aprende, quando não tiverdes de lhe dar sobre o que lhe dizeis nenhuma explicação que seja boa para ele, não te-nho resposta certa para te dar; eu estava errado, deixemos isso de lado. Se vossa instrução for realmente fora de propósito, não haverá mal algum em abandoná-la totalmente;

se ela não o for, com um pouco de atenção logo encontrareis uma oportunidade de tornar perceptível para ele a sua utilidade.

Não gosto das explicações em forma de discurso. Os jovens prestam pouca atenção nelas e não as retêm. As coisas! As coisas! Nunca terei repetido suficientemente que damos poder demais às palavras. Com nossa educação tagarela, só criamos tagarelas.

Suponhamos que, enquanto estudo com meu aluno o curso do sol e a maneira de se orientar, de repente ele me interrompe para me perguntar para que serve tudo aquilo. Que belo discurso irei fazer-lhe! De quantas coisas aproveitarei a oportunidade para instruí-lo em resposta à sua pergunta, sobretudo se tivermos testemunhas para a nossa conversa\*. Falar-lhe-ei sobre a utilidade das viagens, sobre as vantagens do comércio, sobre os produtos particulares de cada clima, sobre os costumes dos diferentes povos, sobre o emprego do calendário, sobre o cálculo do retorno das estações para a agricultura, sobre a arte da navegação, sobre a maneira de se guiar no mar seguindo exatamente a rota, quando não se sabe onde se está. A política, a história natural, a astronomia, a própria moral e o direito das gentes entrarão em minha explicação, dando ao meu aluno uma grande idéa de todas essas ciências e um intenso desejo de aprendê-las. Quando tiver dito tudo, terei feito uma exibição de verdadeiro pedante, da qual não terá compreendido uma única idéa. Ele teria como antes vontade de me perguntar para que serve orientar-se, mas não ousa, temendo aborrecer-me. Prefere fingir que entendeu o que o forçaram a escutar. Assim se fazem as belas explicações.

Mas o nosso Emílio, educado de uma maneira mais rústica, e ao qual demos com tanto trabalho uma concepção dura, não escutará nada disso. Quando ouvir a primeira pa-

\* Muitas vezes observei que, nos dourtos ensinamentos que damos às crianças, pensamos menos em nos fazer ouvir por elas do que pelos adultos que estão presentes. Tenho certeza disso, pois observei-o em mim mesmo.





preciso saber combinar as conversas com que o divertimos com o tipo de espírito que lhe demos. Uma pergunta que não poderia nem mesmo tocar a atenção de um outro irá atormentar Emilio durante seis meses.

Vamos jantar numa casa rica; encontramos os preparativos de um banquete, muitas pessoas, muitos lacaios, muitos pratos, um serviço elegante e fino. Todo esse aparato de prazer e de festa tem algo de embriagador que sobe à cabeça quando não estamos acostumados a ele. Pressinto o efeito de tudo aquilo em meu jovem aluno. Enquanto o banquete se prolonga, enquanto os pratos se sucedem, enquanto reinam ao redor das mesas mil conversas barulhentas, aproximamo-me de seu ouvido e lhe digo: Por quantas mãos achas que tenha passado tudo o que vês sobre esta mesa antes de chegar até aqui? Que quantidade de idéias desperto em seu cérebro com estas poucas palavras! Mediatamente, eis que todos os eflúvios do delírio são abati-dos. Ele pensa, reflete, calcula, inquietar-se. Enquanto os filósofos, alegres por causa do vinho e talvez de suas vizinhas, falam bobagens e parecem crianças, e-l-o ali, filiosozinho em seu canto; faz-me perguntas; recuso-me a responder e adio para outra hora; ele se impacienta, esquece a comida e a bebida, morre de vontade de estar fora da mesa para conversar comigo à vontade. Que objeto para a sua curiosidade! Que texto para sua instrução! Com um juízo são que nada pôde corromper, que pensará ele do luxo, quando descobrir que todas as regiões do mundo contribuíram para aquilo, que vinte milhões de mãos talvez tenham trabalhado por muito tempo, que aquilo talvez tenha custado a vida de milhares de homens, e tudo isso para lhe apresentar pomposamente ao meio-dia o que ele vai devolver à noite em seu banheiro.

Observei com atenção as conclusões secretas que ele tira em seu coração de todas essas observações. Se o tiverdes vigiado menos bem do que suponho, ele poderá ser tentado a desviar suas reflexões para uma outra direção e considerar-se um personagem importante no mundo, ven-

do tantos trabalhos concorrerem para aprontar o seu jantar. Se pressentirdes esse raciocínio, podeis facilmente evitar lo antes que ele o faça, ou pelo menos apagar imediatamente a impressão que ele deixa. Ainda só sabendo apropriar-se das coisas para um gozo material, ele não pode avaliar se são convenientes ou não para ele, a não ser por relações sensíveis. A comparação de um jantar simples e rústico, preparado pelo exercício, temperado pela fome, pela liberdade, pela alegria, com aquele banquete tão magnífico e tão ordenado bastará para fazer com que perceba que, todo o aparato do banquete não lhe tendo dado nenhum proveito real, e saindo seu estômago igualmente satisfeito da mesa do camponês e daquela do financista, não havia nada mais em uma do que na outra que ele pudesse chamar de verdadeiramente seu.

Imaginemos o que em caso semelhante um preceptor lhe poderá dizer. Lembra-te bem destas duas referições e decide dentro de ti mesmo qual delas te deu maior prazer; em qual delas observaste maior alegria? Em qual das duas comu-se com maior apetite, debeu-se com maior alegria, riu-se com mais gosto? Qual delas durou mais tempo sem aborrecer, e sem precisar ser renovada por outros pratos? No entanto, repara a diferença: este pão cinzento que achas tão bom vem do trigo colhido por este camponês; seu vinho negro e rude, mas que mata a sede e é sadio, é de seu vinhedo; a toalha vem de seu cânhamo, fiado durante o inverno por sua mulher, por suas filhas, por sua empregada; não nenhuma que não fosse de sua família fez os preparativos de sua mesa; o moinho mais próximo e o mercador vizinho são para ele os limites do universo. Em que, então, tiveste realmente prazer com tudo o que forneceram a mais a terra distante e a mão dos homens na outra mesa? Se tudo isso não te fez ter uma melhor refeição, o que ganhaste com essa abundância? O que havia ali que tivesse sido feito para ti? Se fosses o dono da casa, poderá arescentar, tudo aquilo te seria ainda mais estranho, pois a preocupação de ostentar diante dos outros o teu prazer acabaria com ele; terias tido o trabalho, e eles, o prazer.